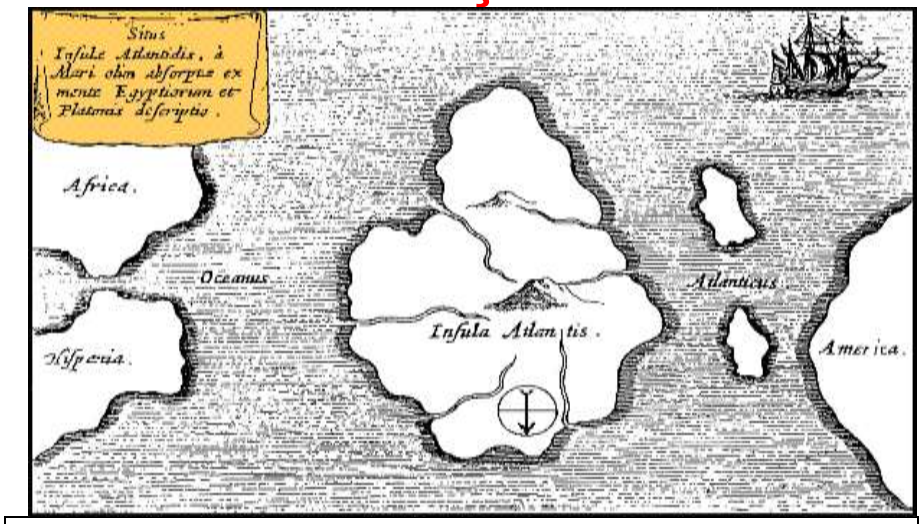
CADERNOS AÇORIANOS



CADERNO N.º 2 Edição março 2010

DEDICADO A DANIEL DE SÁ

Todas as edições em linha em www.lusofonias.net

Editor Colóquios da Lusofonia (Chrys Chrystello)
Coordenadoras Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia

Editado por **©™® revisto julho de 17**

Nota introdutória do Editor Chrys Chrystello

Foi decidido no 4º Encontro Açoriano da Lusofonia, realizado na vila da Lagoa (Açores, março 2009), preparar a publicação regular, *online,* pelos Colóquios da Lusofonia, dos Cadernos de Estudos Açorianos. É isso que nos propomos fazer, dando a conhecer alguns textos de autores de matriz açoriana. Estes cadernos, despretensiosos, irão dar a conhecer excertos de obras de alguns dos autores que os Colóquios mais apreciam. Não serão exaustivos nem completos, limitar-se-ão a abrir uma janela sobre a escrita destes autores que nós, nos Colóquios, entendemos ser diferente da dos restantes escritores portugueses.

Assim, os colóquios da lusofonia lançaram na sua página principal, esses cadernos de estudos açorianos, uma coisa pequena e muito despretensiosa (para já) em formato *pdf*, generalizado e de fácil leitura, para divulgar autores da açorianidade. Essa era uma das conclusões dos últimos colóquios que agora iremos concretizar. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer excertos de obras, a quem pouco ou nada sabe. Estes cadernos destinam-se aos que desconhecem a existência de autores de matriz açoriana ou nunca leram nada do que estes autores escreveram...Vamos tentar chegar a leitores nunca imaginados...

Os Colóquios da Lusofonia decidiram também suprir a ausência da cadeira de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores (em tempos ministrada pelo Urbano Bettencourt) e estabeleceram parcerias para ministrar à distância uma nova cadeira de Estudos Açorianos. Igualmente firmaram um protocolo para criar uma cadeira *AÇORIANIDADE(S) e INSULARIDADE(S)* na Universidade do Minho, Braga, Portugal (regime presencial previsto para iniciar-se em outubro 2010, veja os detalhes no Boletim 0).

Para ajudar os que ora se iniciam em autores açorianos, convém referir a bibliografia geral da açorianidade que os colóquios compilaram e vai sair em livro em 2017. Exaustiva não é, decerto, mas é indicadora de quanto se tem produzido literariamente e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado e trabalhado. Nem todos os livros serão obras-primas, nem todos os autores relevantes. Por entre o trigo e o joio há bons trabalhos à espera de serem descobertos, lidos e ensinados. Nesta bibliografia incluíram-se autores contemporâneos açorianos (residentes, expatriados e emigrados), autores estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que debateram temáticas açorianas.

Autobiografia

Daniel Augusto Raposo de Sá nasceu a 02/03/1944 e reside na Maia, S. Miguel, Açores. Na galeria da fama dos maus romances, há um que começa mais ou menos desta maneira: "*Era uma noite escura e tempestuosa"*. Estava assim aquela em que nasci, quando o apocalipse da guerra contava já os seus últimos milhões de mortos, e o petróleo ia substituindo o azeite de gata, que dava mais cheiro que luz.

Nesse dia, quadragésimo nono aniversário do decreto da autonomia de Hintze Ribeiro - João Franco - D. Carlos, os aliados continuavam a cercar o mosteiro de Monte Cassino, e Pio XII completava sessenta e oito anos de vida e cinco de Papa.

Mas logo aos dois anos tive de deixar a Maia e os meus boizinhos de carrilho, porque meu pai fora, como muitos mais, procurar a imitação do "Eldorado" no aeroporto de Santa Maria, e nos fizera carta de chamada, pois as ilhas estavam então separadas por alfândega e outras dificuldades, como estados independentes. Começava a cumprir-se o fado de uma família de emigrantes, que haveria de esboroar-se toda, nessa e nas décadas seguintes, por este mundo de Deus e de legítimas ambições humanas.

Dos primeiros tempos na ilha-mãe, feita de pedra e cal, recordo vagamente os meus caracóis louros e compridos, um coelhinho de latão que fora broche e se tornou no meu brinquedo preferido e quase único, o encanto indizível de um "Dakota" de plástico que o Menino Jesus me deu, creio eu, por um Natal em que cheguei à chaminé ainda a tempo de o ver fugir, e uns versos com que me estreei na poesia, cantando para a vizinha da frente segundo as normas de rima que meu pai me ensinara na véspera.

Fui crescendo com essa cisma na cabeça, e cheguei a passar horas em desafios renhidos de redondilha maior com o Firmino, meu colega de quarta classe na escola de Santana, onde a boa da professora tinha de aturar mais de três dezenas de rapazes e raparigas, desde os que andavam na bê-á-bá até aos que papagueavam significados, rios, reis, serras e linhas férreas, entremeando a sua exausta paciência com um "calem-se" para nós os dois, sem que ela sonhasse o que dizíamos e como o dizíamos, a voz contida.

É de pouco depois o meu primeiro romance falhado, uma aventura de índios e "cowboys" que acabou quando o assalto a um rancho coincidiu com a minha falta de paciência ou de inspiração para o resto.

Mas o melhor eram os relatos de futebol ouvidos e discutidos no Clube Asas do Atlântico e, sublimidade de quantas sensações havia na nossa infância, as "*matinés"* do Atlântida Cine, onde se arranjava quase sempre um lugarzinho, mesmo que não se tivesse o dinheiro para o bilhete, porque o Senhor Cardoso abria a porta à fila da nossa gula impaciente quando percebia que, a respeito de entradas pagas, estava tudo conversado.

Mas em fins de 1958 aconteceu o primeiro grande desgosto da minha vida: o bondoso padre Artur perdeu-se no naufrágio do "Arnel"; e, poucos meses depois, meu pai morreu. O tempo começou então a passar muito depressa.

O quinto ano feito no Externato da Ribeira Grande e o curso do Magistério Primário foram uns instantes e dei por mim, de repente, professor nos Fenais da Ajuda. Andei por lá quatro anos, e comecei a escrever para o jornal do saudoso Cícero de Medeiros, com um pseudónimo que eu imaginara muito antes e que, feito do meu verdadeiro nome e de uma das designações daquela freguesia, por interessante coincidência se justificava plenamente: Augusto de Vera Cruz.

Cumpri depois esse dever absurdo de aprender a guerra, nas Caldas da Rainha a recruta e a especialidade em Tavira, mas escapei à imposição de exercer na prática os conhecimentos adquiridos, porque passei o resto do serviço militar no batalhão dos Arrifes.

Depois de mais um ano como professor, desta vez na Maia, cumpri a seguir o meu roteiro de nómada, entrando para a congregação missionária dos Combonianos, e por lá estive, quase três anos em Valência e alguns meses

em Granada. Aprendi a ignorância de filósofos e teólogos e criei o vício físico da sesta, de que adoeci sem remédio.

E aqui estou, definitivamente disposto a ser rural e sedentário, que Deus, afinal, está em toda a parte e o Mundo inteiro vem cá ter com a gente.

Entretanto, casei: faltavam vinte e cinco dias não sonhados para que se cumprisse a plenitude de abril. Pai de três filhos que vão crescendo e de seis livros maneirinhos, sinto que me saí melhor (talvez por serem uma obra a dois) com aqueles do que com estes, mas ainda não perdi a esperança de ser tão feliz por uns como pelos outros.

Tenho pena de não ter nascido a tempo de escrever o "Estrangeiro" ou "As Vinhas da Ira", de compor o "Messias" ou a "Sagração da primavera", de pintar "A Peregrinação de Santo Isidro", ou de esculpir "Os Burgueses de Calais", de formular a teoria da Relatividade ou de descobrir a penicilina, de erguer o Taj Mahal, de criar o poema "Tabacaria" ou, ao menos, de inventar a maionese.

Meteram-me na política, onde tenho sido de tudo um pouco, menos membro do governo regional, porque, além de outras razões evidentes, de certeza não serviria para isso.

Sou de uma curiosidade sempre insatisfeita, e teria estado disposto, se tal fosse possível, a ficar olhando, durante milhões de anos, a criação do Universo, só para saber como foi. Trocaria todas as palavras que até hoje disse, e que os amigos aplaudiram, para pensar por momentos, sem esquecer depois, com o cérebro do primeiro homem que foi capaz de pensar.

Não sei se posso dizer que sou puro, como os justos do antigo Egito no julgamento de Osíris. Sei que não queimei o templo de Diana nem ordenei nenhum campo de concentração. Posso invocar uns quantos nãos de bondade, mas faltam-me os sins seguros da justiça positiva.

Todavia, a catedral da Literatura existe, com os seus demónios e os seus santos para todas as devoções. E, com tantos livros para ler, há quem gaste o seu tempo e o seu talento a discutir-lhes a forma, a escola ou a literatura menor a que pertençam. No entanto, cada vez que eu entro, por exemplo, na igreja do mosteiro da Batalha, ajoelho-me primeiro porque aquele templo foi feito para louvarmos a Deus e não o estilo ou os homens que o construíram. E se, culturalmente, sou apátrida, no mais permaneço ilhéu e português, aceitando a fatalidade do destino com que nasci como se eu mesmo fosse o responsável por ele.

(Este texto foi escrito em 1992. Entretanto, os filhos cresceram em idade e inteligência e os livros em número e tamanho.)

Biodados

Daniel Augusto Raposo de Sá *nasceu e residiu quase sempre na Maia, S. Miguel, Açores, de 02/03/1944 até à sua morte em 27/5/2013.*

Aos dois anos deixa a Maia (S. Miguel, Açores) para, com a mãe e a irmã, ir juntar-se ao pai, que no ano anterior fora trabalhar no aeroporto de Santa Maria.

Frequentou três meses a escola de São Pedro, onde nada lhe foi ensinado por, devido à idade, não estar matriculado.

Em janeiro de 1951 a família mudou-se para Santana, tendo sido matriculado na escola desse lugar, substituindo nas estatísticas outro aluno de seis anos também.

Frequentou o Externato de Santa Maria até ao quarto ano, tendo feito o quinto ano no Externato da Ribeira Grande.

Fez o curso do Magistério Primário antes de ser professor nos Fenais da Ajuda por quatro anos.

Começou a escrever para o jornal de Cícero de Medeiros, com o pseudónimo Augusto de Vera Cruz. Cumpriu depois o serviço militar (recruta e especialidade) nas Caldas da Rainha e Tavira, passando ao B. I. I. 18, dos Arrifes, até ser desmobilizado.

Depois de mais um ano como professor, desta vez na Maia, entrou para a congregação missionária dos Combonianos, esteve quase três anos em Valência (onde fez o curso de Filosofia e o primeiro ano de Teologia) e alguns meses em Granada, onde frequentou a Faculdade de Teologia.

Pai de três filhos, foi membro Junta Regional dos Açores, o governo nomeado que preparou as primeiras eleições para a Assembleia Regional.

Considera-se, culturalmente, apátrida, no mais permanecendo ilhéu e português.

Tem várias obras publicadas e contribuiu para inúmeras revistas e jornais.

Bibliografia

9730. Sá. Daniel de. ([s.d.; s.i.].) *Um trovador na corte de D. Sancho*[s.i.]

9731. Sá. Daniel de. (1979). *Em nome do povo. Ámen, antipoemas e outras palavras,* ed. autor

9732. Sá. Daniel de. (1982). *Génese*. Novela, Angra: SREC, col. Gaivota. DRAC

9733. Sá. Daniel de. (1985). *Sobre a verdade das coisas*. Crónicas, Contos ed. Junta de Freguesia da Maia. EGA (Empresa Gráfica Açoriana)

9734. Sá. Daniel de. (1987). *A longa espera*. Contos, ed. Signo. Ponta Delgada.

9735. Sá. Daniel de. (1987). *O espólio*. Novela. Ponta Delgada, ed. Signo. Brumarte.

9736. Sá. Daniel de. (1988). *Bartolomeu*. Teatro, ed. DRAC. Angra do Heroísmo: SREC

9737. Sá. Daniel de. (1990). *Um Deus à beira da loucura*. Novela. col. Gaivota. DRAC. SREC. Angra do Heroísmo

9738. Sá. Daniel de. *(1992)*. *Ilha grande fechada*. Romance. Lisboa, ed. Salamandra

9739. Sá. Daniel de. (1993). *A criação do tempo, do bem e do mal*. Ensaio. Lisboa, ed. Salamandra

9740. Sá. Daniel de. (1995). *Crónica do despovoamento das ilhas e outras Cartas de El-Rei.* Crónicas Históricas. Lisboa, ed. Salamandra

9741. Sá. Daniel de. (1997). *E Deus teve medo de ser homem*. Novela. Lisboa, ed. Salamandra

9742. Sá. Daniel de. (1999) *As duas cruzes do Império – Memórias da Inquisição.* Romance. Lisboa, ed. Salamandra

9743. Sá. Daniel de. *(2000)*. *Sobre a verdade das coisas*. Crónicas, Contos. 2ª ed. Junta de Freguesia da Maia. EGA (Empresa Gráfica Açoriana)

9744. Sá. Daniel de. (2003). *A terra permitida*. Romance, ed. Salamandra. Lisboa.

9745. Sá. Daniel de. (2003). *Açores, coleção monumental e turística*, ed. Bilingue, ed. Everest. León. Espanha;

9746. Sá. Daniel de. (2005). "Dueto a uma só voz", IAC *Atlântida* vol. 50

9747. Sá. Daniel de. (2006). *Um trovador na corte de D. Sancho* alfarrabio.di.uminho.pt-vercial-zips-daniel01.rtf

9748. Sá. Daniel de. (2007). *Autorretrato e biografia*, http://alfarrabio.di.uminho.pt-vercial-danielsa.htm

9749. Sá. Daniel de. (2007) *O pastor das casas mortas*. Ponta Delgada, ed. VerAçor

9750. Sá. Daniel de. (2007). *Dead houses' shepherd*. Tradução de Chrys Chrystello, Ponta Delgada, ed. VerAçor

9751. Sá. Daniel de. (2007). *Santa Maria: a ilha-mãe*. Ponta Delgada, ed. VerAçor.

9752. Sá. Daniel de. (2007). *Santa Maria: Island Mother*. Tradução de Chrys Chrystello. Ponta Delgada, ed. VerAçor.

9753. Sá. Daniel de. (2008). "Autores açorianos contemporâneos". 9º *Colóquio da Lusofonia*. Lagoa. Açores

9754. Sá. Daniel de. (2009). *S. Miguel, a ilha esculpida*. Ed. Bilingue, Tradução de Chrys Chrystello. Ponta Delgada ed. VerAçor

9755. Sá. Daniel de. (2009). "Autores açorianos". 11º *Colóquio da Lusofonia*. Lagoa.

9756. Sá. Daniel de. (2010) *Ilha grande fechada.* Romance. 2ª ed. Ponta Delgada, ed. VerAçor.

9757. Sá. Daniel de. (2010). *Velhas energias para um mundo novo*, ed. EDA

9758. Sá. Daniel de. (2010). *Peregrinos do Senhor Santo Cristo dos Milagres*, ed. Paulus Ed., Lisboa

9759. Sá. Daniel de. (2010) *Terceira, terra de bravos, Land of the brave*. Ed. Bilingue, Tradução de Chrys Chrystello. Ponta Delgada, ed. VerAçor.

9760. Sá. Daniel de. (2011). "Açorianidades: de São Pedro a Santana pela Ribeiro do Engenho". 16º *Colóquio da Lusofonia*. Santa Maria. Açores

9761. Sá. Daniel de. (2011). *O Deus dos últimos*, ed. VerAçor

9762. Sá. Daniel de. (2011) *As rosas de Granada*. Poesia, ed. familiar não-comercializável. Grafismo Hélder Segadães.

9763. Sá. Daniel de. (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia

9764. Sá. Daniel. (2012). "Presença literária açoriana". 17º *Colóquio da Lusofonia*. Lagoa. Açores.

9765. Sá. Daniel de. (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos*. de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia

9766. Sá. Daniel de. (2013). In *Coletânea de Textos Dramáticos*, Helena Chrystello e Lucília Roxo. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia

9767. Sá. Daniel de. (2013) *As rosas de Granada*. Poesia. 2ª ed., ed. VerAçor

9768. Sá. Daniel. (2015) in *Em nome do povo, de Daniel de Sá. Prós sem contra* por Dionísio Sousa, ed. autor

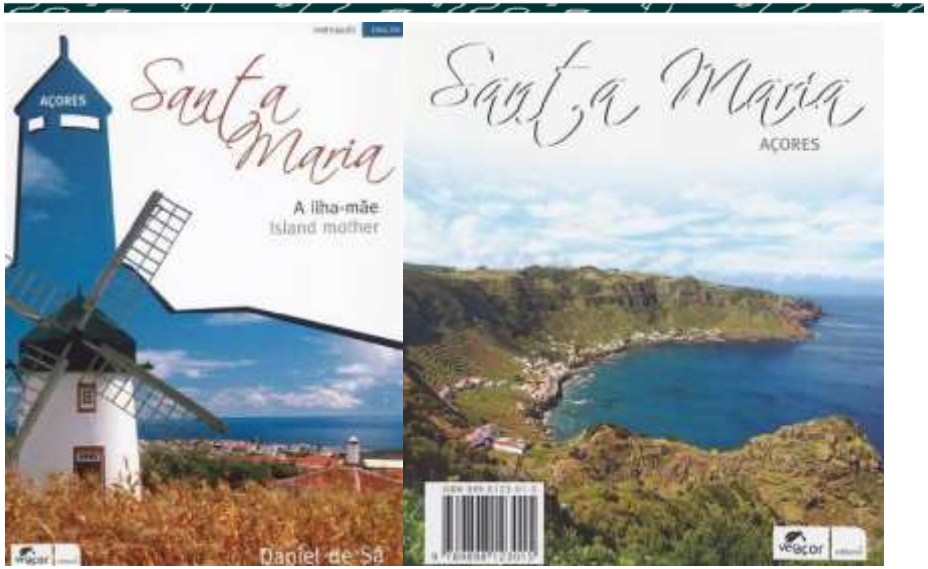
9769. Sá. Daniel de. (2015) in "Big Enclosed island, uma proposta de tradução comentada de Andreia Sofia Freitas Melo". Dissertação de Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 93 pp.

9770. Sá. Daniel de. (2016). *Rememorando Daniel de Sá, escritor dos Açores e do mundo,* coord. de Francisco Cota Fagundes. Susana L. M. Antunes e António M. A. Igrejas, ed. VerAçor

9771. *Sá, Daniel de, (sd.)* *Um Trovador Na Corte De D. Sancho*

Outras páginas sobre o autor:

- Recensão sobre a obra *E Deus Teve Medo de Ser Homem*
- Malino: Homenagem a Miguel Torga
- Dois sonetos sobre Natália Correia



Santa Maria, uma declaração de amor

Considero-me um privilegiado quando me chamam mariense. Porque, como filho destas ilhas, tenho a sorte de ter pai e mãe. Foi meu pai São Miguel, minha mãe, Santa Maria. E, se pode ter-se dupla nacionalidade, por certo que poderá ter-se dupla "insularidade".

Sou mariense, sim, e julgo que de pleno direito. Cagarro e santaneiro. O que foi outro privilégio, ter vivido em Santana. Mais de oito anos, depois de quatro por São Pedro, na casa do Sr. Armando Monteiro, e seis meses na Ribeira do Engenho, numa casinha que era toda ao pé da porta e tinha o telhado à altura do caminho.

De São Miguel saí ainda de cabelos compridos, de que guardo uma vaga memória mas somente do dia em que mos cortaram, já em São Pedro. Antes disso, e da ilha onde fui gerado e onde nasci, só sei o que me contava minha mãe. Tempo esse em que uma criança de dois anos podia andar pelas ruas e ir até longe, no longe relativo do tamanho do corpo, sem deixar preocupado quem quer que fosse. Palmo e meio de pernas bastava para fugir facilmente das rodas de uma carroça ou de um carro de bois.

Muito cedo comecei a ser aluno da vida, em Santa Maria. Que belas lições recebi! Recordo a sabedoria de um povo a quem vi cavar um poço antes do tempo da sede. Aprendi a sua bondade em coisas tão simples como aquelas grandes pedras, postas ao alto à semelhança de pequenos menires, onde o gado ia roçar-se placidamente. A minha definição como pessoa começou a fazer-se com estes e com outros ensinamentos casuais ou espontâneos, sem pedagogia diplomada.

Pode parecer um contrassenso considerar um privilégio ter vivido em Santana, porque aquela era uma das aldeias mais rurais de Portugal. Nem havia sequer uma canada razoável que lhe fosse caminho. A que existia servia, em parte, como leito de uma ribeira, onde aflorava a rocha irregular posta a descoberto pela erosão. Durante séculos, foi a única via que levava a Vila do Porto. Maior isolamento do que aquele é difícil de imaginar. Ainda assim, em Santana nasceram e viveram pessoas de grande valor humano e social. Prodígios da superação.

De súbito, tudo mudou em 1945. Em Santana propriamente não, porque ela ficou imutável na sua rústica ancestralidade. Mas, mesmo ali ao lado, fora feito um aeroporto para ser um dos melhores e mais concorridos do Mundo. A Vila deixou de ser a principal referência, porque até na religião os de Santana se tornaram como que paroquianos da capela de Nossa Senhora do Ar, que antes fora lugar de culto de protestantes, católicos e judeus. Ia-se e vinha-se usando atalhos desenhados por milhões de passadas, cortados aqui e ali por muros que era preciso saltar. A aldeia isolada ficara a poucos minutos

de um mundo novo e impensável. Mas aquela gente recebeu-o quase com a mesma naturalidade com que via nascer o Sol todos os dias, o Sol que gretava o solo árido no verão, depois de secos os lameiros do inverno. Aquela gente, que resistira à angústia da fome, numa penúria humilhante e indigna da condição humana. Como um pouco por toda a ilha, aliás. Mas que manteve uma dignidade bíblica, porque a dignidade é um estado de espírito mais do que uma afirmação social.

A nossa casa nunca fora chamada casa antes de lá morarmos. E, nesse tempo, era um absurdo pensar que quem tivesse menos de dezasseis anos não podia trabalhar. Não o proibia a lei, e a isso obrigava a necessidade de as mães não terem falta do que pôr na mesa à hora de comer. Apesar disso, não lamento nada da minha infância.

Fui pastor de cabras, de ovelhas e de vacas. Cavalguei em pelo e sem esporas nem freio, como os índios. Nunca ninguém me ensinou a ter medo do dia nem da noite. Fui cowboy ou índio na mata de Monserrate e nas do Aeroporto. Mas não estraguei nenhuma árvore, nem os meus companheiros de aventuras. Contei histórias ao meu amigo Elias, e contava-me ele outra por cada uma das minhas. Matávamos o menor número possível de personagens, quer fossem índios ou bandidos. Apenas o essencial para haver vencedores e vencidos.

Entretanto, ia aprendendo em livros ou num quadro preto. Primeiro na escola de Santana. Com a D. Eduarda na 1ª classe, a D. Doroteia, na 2.ª, a D. Úrsula, na 3.ª, a D. Francisca, na 4.ª. Continuam a ser das minhas heroínas preferidas. Fizeram o milagre de me ensinar a ler, de explicar que povo somos e a que terra pertencemos. Depois veio o Externato. Juntei à minha lista de heróis e de heroínas mais uns quantos predestinados para o bem e a sabedoria. Passei a pertencer também à geração do *Cavaleiro Andante*, sem dúvida a mais prodigiosa publicação juvenil que houve em Portugal. Não tínhamos dinheiro para livros nem revistas, por isso era o José Guilherme Correia que mo emprestava sempre. E alguns livros também, como o José Vieira Souto Martins, um amigo de que nada sei há meio século. Foi assim que pude ler Emílio Salgari, Mark Twain ou Enid Blyton.

E havia o Clube Asas do Atlântico. O Asas! Nunca ninguém me pôs na rua nem mostrou desagrado pela minha presença. Nem imaginavam o bem que me estavam fazendo. Ali ouvíamos os relatos do futebol e do hóquei das nossas alegrias patrióticas. E era onde eu tinha à disposição os principais jornais que se publicavam em Portugal. Um dos mais bem escritos era *A Bola*, e por isso, ao mesmo tempo que a rivalidade entre o Sporting e o Benfica era um dos principais fatores de unidade dos Portugueses, o desporto, contado naquele jornal que mudou tanto que se pode considerar extinto, era também uma lição de cultura.

Não longe, o campo dos jogos épicos do futebol romântico de dois defesas, três médios e cinco avançados. Com o mítico Badjana a dar os últimos pontapés na bola, jogando pela equipa da Direção do Serviço de Obras, onde meu pai trabalhava. Depois veio outro clube, o de Gonçalo Velho, para o qual minha mãe e minha irmã bordaram os primeiros emblemas.

No entanto, a alegria suprema tinha lugar reservado no Atlântida Cine. O seu porteiro deixava muitas vezes as crianças entrarem sem pagar bilhete. Por isso o Sr. Cardoso faz parte da minha lista de heróis particulares. E o grito “ó Cardoso, apaga a luz” ainda ecoa nas minhas recordações como o anúncio de todas as claridades. Outro benfeitor de homens a haver.

Na capela de Nossa Senhora do Ar aprendi o lado mais humano da vida. Aquele que pensa acima de tudo no que nos distingue dos irracionais. E, se é certo que sem uma fé sobrenatural se pode ser boa pessoa, o cristianismo à maneira do Padre Artur é o testemunho do bem na Terra.

Mas qualquer pedaço de mundo vale pelo que vale a sua gente. A do meu tempo era feita destas e de outras figuras que marcaram o modo de ser de um tempo e de uma geração em que havia na ilha mais forasteiros do que naturais dela. Sorte nossa que a maior parte dos que em Santa Maria buscaram um pouco mais de fortuna ou um pouco menos de infortúnio eram pessoas de deixar saudades. Por isso o reencontro com velhos pioneiros dos tempos modernos da Ilha de Gonçalo Velho é sempre um momento de festa que dificilmente tem semelhança quando as amizades foram feitas por outras bandas.

O próprio aeroporto, começado a construir durante a guerra, acabou por ser um lugar de passagem para a paz. Se, em 1918, Franklin Delano Roosevelt escolheu Ponta Delgada para apoio ao transporte de tropas a caminho da Europa, por aquelas pistas passaram sobretudo soldados de regresso a casa. O nome de código da operação, “Green Project”, era ele mesmo uma declaração de esperança numa nova era.

Foi neste ambiente, um dos espaços nacionais onde mais se concentravam pessoas com ensino superior ou com uma cultura acima da média, que

começou a germinar a minha vontade de fazer das palavras escritas um uso para além da obrigação de alguma carta familiar. Sem Santa Maria, sobretudo sem o seu Externato, eu teria ficado pela 4.ª classe, tal como todos os rapazes que nasceram na Maia, em São Miguel, no mesmo ano que eu.

Por um desses acasos que são difíceis de explicar, cresci logo nos primeiros anos de vida com uma curiosidade sem limites. Um dia, ainda antes de completar seis anos, perguntei a meu pai como é que se faziam versos. Ele era um improvisador de quadras e de histórias como poucos conheci na vida. Chegou a fazer o negócio de uma burra cantando ao desafio. E, nos intervalos do almoço, contava casos a homens da sua idade, mas tão interessados como crianças.

Vi muitos filmes pelos seus olhos, ou ouvi-os da sua boca. Ele levou a sério a minha pergunta sobre poesia, e respondeu como se deve sempre responder a uma criança: dizendo a verdade das coisas como se se falasse ao adulto que a criança será um dia. Logo a seguir exercitei o meu novo conhecimento cantando para uma vizinha da minha idade, de que só guardo a memória de uns longos caracóis loiros. Sei que começava assim, esse que foi em rigor o meu primeiro poema: “Sou Daniel/ da ilha de São Miguel”.

Era, sim, com a sorte de ser da Ilha-Mãe também. E nela vivia então um poeta que fez parte do meu imaginário, e de quem eu muito quis ser imitador: Lopes de Araújo. Não tive a sorte de ser seu aluno, mas a ânsia de alcançar um estatuto semelhante ao seu foi talvez o maior impulso que me levou a dedicar-me à escrita.

Mas Santa Maria veio a ser para mim cenário de drama também. Numa certa manhã, os responsáveis pela Direção do Serviço de Obras estavam reunidos para despedir pessoal. O critério escolhido foi o de optar pelos trabalhadores com menos filhos. O nome do meu pai foi um dos primeiros a serem falados, porque éramos só minha irmã e eu. Minha irmã não estudara porque as propinas equivaliam a um terço do ordenado de meu pai. Que levou um ano a decidir se eu deveria frequentar ou não o Externato. Acabou por resolver-se pela positiva, e eu revi a gramática da 4.ª classe, feita um ano antes, estudando-a enquanto vigiava as vacas. Valeu-nos que nunca paguei propinas no colégio, como chamávamos ao Externato.

O Miguel Côrte-Real, esse homem da linhagem dos primeiros povoadores e a quem Santa Maria muito deve, não concordou com a ideia, alegando que eu estudava, e que meu pai e minha mãe, costureira, se sacrificavam a trabalhar mais do que podiam para eu ter aquele privilégio. Estava a questão por decidir quando chegou um funcionário com uma notícia dramaticamente irónica. Meu pai acabara de deixar vago definitivamente o seu lugar na vida.

Santa Maria, uma declaração de Amor, texto para a sessão evocativa de Franklin Roosevelt, promovida pela FLAD.

Malino, (Homenagem a Miguel Torga)

Malino era um gato de alto lá com ele. Um senhor gato. O preferido das gatas da vizinhança, que o aceitavam sem mais aquelas. Não ia em grandes conversas. Tiro e queda. Lá por causa disso não incomodava os ouvidos sensíveis dos senhores homens e das senhoras mulheres que tentavam dormir à hora do namoro. Para alguém mais desinsofrido era só o tempo de se levantar à procura de improvisada arma de arremesso e, em chegando à janela, já tudo era silêncio. Nem havia olhos capazes de descobrir o par de amorosos, que se esgueiravam num ápice para onde ninguém os visse.

Que dissessem dele que era um valdevinos, aceitava. Mas um valdevinos decente, acrescentassem ao dito por respeito à sua pessoa. Filhos e netos eram tantos que nem fazia ideia de a quantos montavam. E não jurava que de algum não fosse pai e avô ao mesmo tempo, que isso de deslindar de geração em geração quem era do seu sangue não era coisa que se lhe pedisse com segurança. Que Deus lhe perdoasse qualquer abuso, mas não tinha modo de fugir à sina. Era fado de gato, paciência. Piores eram as pessoas gente, que juravam para a vida inteira e, às vezes, era bem de uns dias ou meses e mal do resto da vida. Por isso se queixava o senhor Francisco que, tendo-lhe dado Deus três filhos e duas filhas, já levava na conta oito noras e genros. E gabavam-se muitos de façanhas de enganos. Mas não queriam que ninguém

tocasse no que era seu. Porradaria de criar bicho e sangueira de fazer morcelas, se tal acontecesse. Mortes de gente, até. Outro modo de ser era o do João Cana, esse fala-barato, que se confessara de aventuras de alcova e o padre absolvera do pecado da mentira apenas! Um farsante. Aquilo era lá homem de pecados maiores do que o desejo, coitado? Pagava um quartilho de vinho para calar a boca de quem dizia tê-lo visto com esta ou com aquela. Não estivera nada. Mas os rapazes conheciam-lhe o fraco, era um tal inventar que o apanhavam em delitos tão secretos que nem aconteciam. E ele, de elogiado, fingia-se temeroso de que lhe divulgassem segredos de encontros tão escondidos que nem o próprio Deus testemunhava. Vingava-se na sueca. No jogo das cartas, para que não haja equívocos. Tinha a sorte dos tolos, diziam-lhe. Que lhe importava isso, se ganhava mais do que perdia? Um dia, puxou o cinco de copas, e fez a mão, porque os outros três baixaram o jogo. A seguir, puxou o ás, e levou a seta e o rei. Chamassem-lhe tolo, que os enganara e assim ganhou a partida e o dezasseis de vinho.

Chegava ao fim da primavera numa desgraça, uma vergonha. Coisas da vida. Recuperava depressa, que a ratoagem não foi feita para mais do que isso, e as guelras do peixe e outras delícias eram à farta. E ainda lhe restava barriga para roubar algum chicharro – carapau, no dizer fino de Lisboa – ou um pinto descuidado pela mãe e pelas donas, tentações escusadas, é verdade, mas o fruto proibido é o mais apetecido.

Nesse tempo, andava livre pela casa, só lhe trancavam as portas dos quartos de dormir. Também não havia muito como evitar que entrasse quando lhe apetecesse, ainda que o não quisessem, o que não era o caso, por via da bicharada que roía tudo. Melhor vida do que aquela nem a dos seus antepassados do Egito. Então a dona velha regalava-se:

“Quatro, Ludrinhas, que o Malino apanhou hoje. Aquilo é que é um gato!”
E era. Preto, que ia esquecendo dizer. Gato preto sempre foi bom caçador.

Casa farta, a dos seus. Lavradores desde o tempo das vacas magras, nascera já na abundância dos subsídios por tudo e por nada. Era o bezerro de mama, era a vaca de leite, era a vaca defunta, era isto e era aquilo. Grandes algibeiras tinha esse senhor Governo, de onde saía tanto. Fora criado com sopas de soro e leite. Podia ter dado em gato fino, de escolher comida, mas não quis negar a condição. Não há sopa que se compare à carne tenra de um murganho. Nem ao gosto de apanhá-lo. Isso é que não.

As coisas pioraram foi com a riqueza dos donos, quando as carteiras abarrotavam até lhes rasgarem as algibeiras, que já deviam estar parecidas às do senhor Governo.

Os vizinhos do lado é que eram uma miséria. Um homem só para dar de comer a cinco bocas, todas fêmeas. Trabalhava no que aparecia, foi tenteando a vida até lhe entrar aquele mal nas costas. Às vezes nem podia mexer-se. Dias e dias na cama, e a fome a apertar em casa. Foi aos doutores todos deste mundo e do outro, contando-se entre os do outro os curadores de ervas e de mezinhas. Não melhorou. E o senhor Francisco, ao serviço de quem apanhou aquele jeito a revirar uma pedra do seu tamanho nos alicerces da casa nova, não lhe dava um escudo nem uma palavra de alento. Não pusera o pessoal no seguro, e desculpava-se que ele já fora para lá aleijado: queria era arranjar reforma à sua custa.

“Safa, malandro! “
Que sim senhor, estava certo. Era a voz dos que só conhecem uma qualidade de gente a quem dar razão: aos mais fortes.

A desgraça dos vizinhos começara num dia de glória e de riqueza. Estardalhaço de banda e de foguetes. Bênção do padre e caldeirinha de água benta. Metera governador civil, presidente da câmara e outra dúzia de cabeças das grandes. O costume. Inauguração das máquinas novas da fábrica. E parabéns para este e para aquele. E para os trabalhadores, que tinham o trabalho facilitado. Era o tinhas! Logo três dias depois foi metade para a rua. Sacho outra vez. Mas onde? Agora era só erva a perder de vista. Nem uma espiga de trigo ou maçaroca de milho. Milheirais havia, mas bastos. Para as senhoras da ilha, as vacas. Ouvira falar, nanja que fosse nado nesse tempo, que um gato tem sete vidas mas acabam-se todas num instante.

Tornara-se um gato triste. Talvez fosse da idade. Mas julgava que não. Era só da tristeza. Novo-rico quer casa nova, e os donos deitaram a velha quase toda abaixo. Paredes de blocos, portas de acácia, persianas de alumínio. Nem uma greta que deixasse entrar o ar, quanto mais um buraco por onde ele se esgueirasse. Telha vermelha do Continente. Desmancharam a casa de milho e o muro de pedra, para o fazer de blocos. Cimentaram o quintal quase todo, deixando apenas dois palmos de terra para os girassóis da festa, três pés de couves e uns espigos de salsa. Vassoura pelo ar, se o apanhavam lá a fazer decentemente as suas necessidades. A dona velha até chorou quando esborralharam o forno. Ainda gostava de cozer o seu pão de trigo e de milho, ou a sua massa sovada. E a filha: “Compra-se, que é a mesma coisa.”

Atoleimada! Sabia lá o que dizia! Então por que razão até ele, que era gato, bicho irracional, nunca comera ratos mortos à pancada ou na ratoeira? Como se o sabor das coisas estivesse só na boca e não, também, no trabalho que se tem por elas. Atoleimada, pronto, pensara estava pensado.

Quis um dia pôr os olhos na casa nova, por dentro. Parecia-lhe igual a todas as casas novas, mas tinha uma pequenina esperança de que os donos fossem diferentes. Qual quê! Nem um pingo de imaginação. Azulejos, mosaicos, alcatifas, flores de plástico.

"Sape, gato!"

Ai, agora era sape gato! Com que então, tornara-se tudo gente fina naquela casa, que até tinha tapetes com pelagem de palmo, a fazer mesmo apetecer uma soneca nos serões de inverno. Ia-se embora de livre vontade. Metia-lhe nojo, aquela limpeza. E os palermas de pés descalços na sala, como os do Canadá, a ver televisão com uma enfiada de sapatos à porta. Era a sua oração. Era a sua mesquita. Passassem bem.

Guelras de peixe? Nem vê-las. Ia tudo para o lixo, mais as cascas de batata, as aparas da carne, tudo. Por causa dos adubos já não havia estrumeira, nada onde meter o nariz, às vezes mais por desfastio do que por andar à procura pela precisão da fome. E os ratos? Era um penadoiro catrafulhar algum. Punham ratol por toda a parte, que iam comprar meio dado à junta de freguesia.

Pensava nisto enquanto ia acordando. Felizes tempos em que os automóveis da freguesia se contavam pelas unhas de uma mão. O do senhor padre, o do senhor professor, o do senhor doutor, o do senhor José da farmácia e o carro de praça. Havia o camião do senhor Francisco e a camioneta da carreira, mas esses não cabiam em ruas estreitas como a sua. Não era do seu tempo, contara-lhe a mãe, que ouvira dizer. Ainda crescera sem muito com que se preocupar. Atravessava a rua sem ter de olhar nem escutar. Mais tarde é que foram elas. Aquilo era um reboliço desde o nascer do Sol, ou antes, nos dias curtos, que Deus nos livre. Depois do barulho dos tratores, com as bilhas do leite vazias a matraquearem, vinha um chinfrim de buzinadelas de gente doida, chamando a freguesia. Acordavam quantos estivessem no sono da manhã, que é o melhor. Eram os carros ou os triciclos: do peixe, do queijo de cabra, do pão da Vila, do pão da Ribeira Grande, da fruta, da carne, das fazendas. O diabo a quatro, a desinquietar a alma mais paciente. E ainda a caterva da canalhada de bicicleta, e os rapazes de mota a fazer o pino. Mais perigosos que os trens de quatro rodas. Aquilo ainda havia de dar desgraça, fosse o diabo surdo. Mas não foi.

Malino acabara de dormir aquela soneca no calorzinho das pedras da calçada. Saíra-lhe a sorte grande, pois ninguém o incomodara: nem bicho cão nem bicho gente. Já não resistia à dormideira em qualquer sítio, às vezes para esquecer a fome. As forças haviam minguado em proporção inversa à idade. Noutros tempos, estaria por essa altura a sonhar de dia com aventuras noturnas. Mas agora? Qual quê! Tivera um devaneio desses, dois dias antes, e ainda lhe doía o corpo todo de uma sova que levara. Do Tarouco, um trinca-espinhas farrusco, um badameco, que só de lhe ver os bigodes teria fugido a sete pés, se não fosse aquela velhice que o escanzelara e amodorrava. Até lhe ia tirando um olho com as unhas, o excomungado. E as gatas já não eram tantas como antigamente, ninguém as queria, para não encherem os quintais de filharada. Gatos, lá escapava algum. Por isso eram como sete cães a um osso.

Tanto se fartara de namoros que lhe faltava a paixão para andar por telhados e muros velhos à procura de namorada. Verdade, verdadinha que não tinha era forças para isso e para o resto, mas desculpava-se assim, tentando acreditar no que dizia a si mesmo. Gastara quantas das suas sete vidas? Cinco? Seis? Poderia viver mais um ano? Dois? Desconfiava. Longe fosse o mau agoiro, mas aquela pieira e aquele desmazelo não anunciavam coisa boa.

Levantou-se tonto de sono, começou a atravessar a rua como se pesasse tanto como um bezerro desmamado. E era só pele e osso. Os seus cinco sentidos estavam avariados, gastos. Foi quando veio aquele maldito carro, silencioso como um ladrão, como se as rodas tivessem almofadas iguais às das suas patas, como se o motor não fizesse mais barulho do que um coração de gato. Nem apitou, o demónio. Acaso não merecia ele uma travagem, uma apitadela ao menos? Ou foi a saia curta da Rita que distraiu o condutor? Fosse o que fosse, qualquer coisa lhe bateu na cabeça quando a máquina infernal lhe passou por cima. Sorte não ficar debaixo de uma roda. Devia estar igual a morto, depois do desastre. Desmaiou, sem saber por quanto tempo. Tanto podia ter sido um minuto como um dia e uma noite.

Quando acordou, o chão não era duro nem quente. Ouviu vozes das donas. Estava nos dois palmos de terra do quintal. Salvo! Reconheceu também a voz do David Lopes. Ah! Canalha, fora ele com certeza que quase o mandara desta para melhor. Havia de pagá-las, qualquer dia, que aquilo era um doido a guiar o carro, como se todo o Mundo fosse seu.

“Se eu tivesse um sacho, enterrava-o num instante.”

Então julgava que o tinha matado! E não mostrava um sinal de pena! Alma de cão. Ia ter uma surpresa das grandes, quando o visse vivo e pronto para outra. Pronto para outra era um modo de dizer, agora é que tinha mesmo a certeza de não lhe restar mais do que uma vida. E estava presa por um fio. Aquele fio de sangue que lhe corria da cabeça.

“Não te preocupes, David. Isto até foi um favor dares cabo do bicho, que já ninguém podia sofrer.”

Ah! desgraçada! Safada! A dona nova, que se babava para lhe pegar ao colo, enquanto foi pequenino, que passava minutos enormes, mas saborosos, a coçar-lhe o lombo e o pescoço quando já era grande, e ele a esticar-se, regalado, ao contacto das mãos dela? Assim lhe pagava tudo: o trabalho, o carinho e a fidelidade?

“Deixa, que eu atiro-o da rocha abaixo, e o mar há de levá-lo quando a maré encher.”

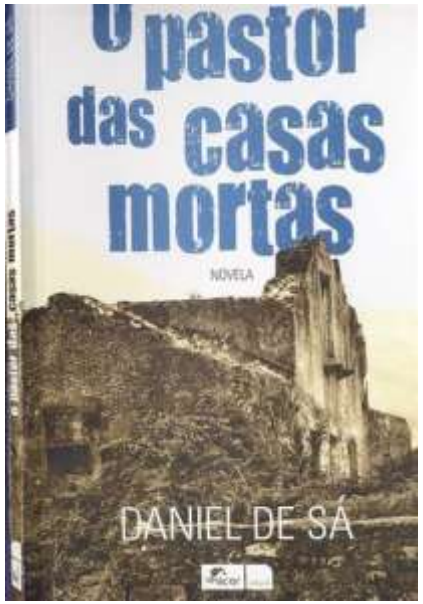
Depois de ouvir isto à beira da morte, se um gato não merece o Céu!...

Tanto tempo se passara desde a última vez que ela pegara nele ao colo. Tinha saudades de sentir as suas mãos no pelo Viesse buscá-lo.

Não devia estar bom da cabeça. A poder fugir num instante, e disposto a ficar ali, à espera da morte, só para se sentir tocado uma última vez por aquelas mãos de que tinha saudades. Mas gato também tem direito a morrer recebendo algum carinho, nem que seja só imaginado. Assim como assim, a vida não lhe importava para nada já. Não tinha graça nenhuma, era uma morte lenta.

Pareceu-lhe que a dona nova pegava nele com o cuidado de antes. Talvez fosse apenas para não sujar as mãos de sangue. Foi o seu último salto. O maior de todos. A queda sobre as pedras fez o resto. Não sentiu o que faltava ser feito.

Sobre a Verdade das coisas. 2ª Edição



Maria da Graça

Quando o velho enfraqueceu ao ponto de não poder sair da cama, Manuel Cordovão dispôs-se a cuidar dele como se fosse seu filho. Desde que os três tinham ficado sozinhos na aldeia que se iam valendo entre si. Descia ao vale pelo menos uma vez por semana para fazer as compras da mercearia, e ajudava o Torre Velha a arranjar lenha para a lareira e o forno. Maria da Graça cozia-lhe o pão e passava-lhe a roupa a ferro.

A eletricidade, que de qualquer maneira não o teria conseguido, não chegara a tempo de evitar que a aldeia se desalmasse, nem fizera o Cordovão perder o hábito de ler tanto como um crítico literário. E, quando a biblioteca da Gulbenkian deixou de ir à Aldeia Nova do Vale, passou a comprar a maior parte dos livros que lia. Escrevia num caderno as frases de que gostava mais, e anotava também as palavras que não percebia e não vinham no dicionário, para perguntar a quem soubesse, oportunidade que às vezes demorava meses a acontecer.

Como era a mais nova da família, pôde estudar até à 4ª classe. Maria da Graça chegou apenas à 2ª, e por culpa dele...

Nesse ano, o exame da 3ª tornara-se obrigatório para os rapazes, mas não para as raparigas. Ele, apesar de ter apenas dez anos, andava na 4ª classe, porque entrara para a escola com seis. O posto escolar da Aldeia Nova do Vale nem sempre podia contar no início de cada ano com trinta e dois alunos em idade normal, e por isso a regente pedia para algumas crianças com seis anos anteciparem a matrícula e que as alunas que haviam atingido o limite de idade, mas não tinham conseguido ser aprovadas no exame final, dito do 2º grau, continuassem matriculadas. Como os pais precisavam dos filhos, consentiam facilmente na antecipação da matrícula, para os terem mais cedo livres para o trabalho, raramente permitindo que estivessem na escola até depois dos nove ou dez anos. Quanto às raparigas, era difícil que as da Aldeia Nova da Serra fossem autorizadas a matricular-se aos seis anos, por causa da distância e do mau e desabrigado caminho a percorrer. Mas os pais de Maria da Graça, por acaso e insistência da regente, até lho haviam consentido, pois o posto escolar, por ter apenas vinte e oito alunos recenseados para esse ano, corria o risco de fechar, sendo a escola mais próxima na Fonte Gralha, quase dois quilómetros adiante, o que tornaria a frequência mais penosa para todos os da serra. E foi o pai de que arregimentou meia dúzia de vizinhos para construírem, ao longo do carreiro, uma espécie de cabanas de pastor onde as crianças se abrigassem da chuva.

Era o mês de maio. Havia algumas semanas, desde que lera “As Aventuras de Tom Sawyer”, que Manuel sentia que gostava muito de Maria da Graça, mas não tinha coragem de lho dizer nem de escrever um bilhete como os companheiros faziam para revelarem as suas paixões infantis. Invejava a liberdade e o atrevimento do herói de Mark Twain, e chegou a ensaiar uns passeios em frente da casa dela como uma confissão de amor. Mas temia a ira do pai da rapariga, capaz de lhe dar alguma lambada mal medida, e a língua levada do Diabo da mãe, de tal maneira cortante na defesa da honra das filhas que se dizia que nenhuma chegaria a casar, porque nem tanto ao mar nem tanto à serra. Se as outras mães guardavam o gineceu das suas ninhadas do contágio de cobiças masculinas, aquela nem sequer queria que olhos estranhos pousassem nelas, como se isso já fosse desonrá-las e condená-las “*ad vitam et mortem*”. E, por fim, a dificuldade ainda maior era a de enfrentar cara a cara, e palav

ra a palavra, aquela que era o princípio ou motivo da sua timidez. Não se resolvesse prontamente, e qualquer dia um companheiro mais atrevido plantar-se-ia entre ele e ela, fosse por declaração direta ou pelo recurso ao bilhetinho que não revelava o rubor da face nem os tremores do coração, a não ser que a letra traísse a convicção dos sentimentos. E lá teria de sair-lhe das intenções a Graça, ainda que da ideia o não pudesse, de certeza.

Mas o amor tem impulsos de arte e engenho que em qualquer idade podem fazer o seu proveito. E foi assim que, numa tarde em que estava ao pé da secretária com os outros alunos da 4ª classe, a responder aos significados, o seu olhar deu no dela, que o desviara do caderno da cópia para molhar o aparo no tinteiro. De repente, atreveu-se: enviou-lhe uma piscadela furtiva. Nesse tempo, um piscar de olhos correspondido podia comprometer para a vida inteira, ainda que uma primeira e única paixão acontecesse aos dez e oito anos. Ela, que não conseguia fechar só um olho, tapou o esquerdo com a mão e piscou duas vezes o direito.

“Manuel: fundação?”

A voz da professora chamou-lhe o espírito para mais perto do corpo. A resposta estava na ponta da língua:

“Ato ou efeito de fundar, origem, princípio, instituição”

No regresso a casa, vieram em dois grupos como era costume, com os rapazes um pouco à frente das raparigas. Ele olhava de vez em quando para trás, tentando perceber se o seu recado fora correspondido apenas por pirraça ou consentimento verdadeiro, e dava com o sorriso dela a colorir o grupo com um brilho que nunca vira por tais descampados. Estava diferente, a Graça, nessa tarde, e não seria apenas por engano dos seus olhos que haviam servido para anunciar aquilo de que por palavras não tinha sido capaz.

A meio do caminho, e quando iam entre duas das cabanas que serviam de abrigo, começou a chover. A maior parte correu no sentido da caminhada, para o abrigo de cima, mas Maria da Graça deu meia volta e foi para o de baixo. Manuel segui-a na fuga. Foi um impulso, um repente de inspiração, um não pensar antes de se decidir, um não ter tempo de imaginar que as palavras ou os gestos de que não seria capaz quando estivesse frente a frente com ela seriam motivo de vergonha por não as dizer ou não os fazer. Quando caísse em si, cada segundo iria ser decerto um longo percurso de hesitações dos pensamentos no seu espírito. Mas o principal era ter dado aquela meia volta, ter corrido o risco da desventura na mais apetecida das aventuras que ambicionava viver.

* * *

Uma das pequenas disse a uma irmã de Maria da Graça que eles tinham estado sozinhos num abrigo e que ele lhe dera um beijo. A irmã disse à mãe. A mãe disse ao pai. O pai bateu-lhe. E os dois, pai e mãe, proibiram-na de voltar à escola.

Pastor das Casas Mortas. Porto, VerAçor Editores, 2007, pp. 15-16-17

(foto do solar de Lalém nas traseiras da casa do autor)

As ruínas em Santana, na ilha de Santa Maria, da casa do autor, que marcam a génese do pastor das casas mortas

Terceiro dia

Ao sofrimento do sono e do cansaço com que se levanta outra vez neste terceiro dia de romaria, penitência de si mesma custosa de sofrer e que o jejum muito aumenta mais o atrasar-lhe a partida para o Canadá, junta-se agora o que lhe doem os pés, com bolhas nos dedos e nos calcanhares e tão inchados que mal lhe cabem nos sapatos leves. No entanto, ao adormecer com saudades da sua casa, sentira um arrepio de inquietação ao pensar que só passará lá mais um dia, e julga que afinal não deveria ter marcado a viagem para partir tão de repente, sem dar tempo a que os sentimentos sossegassem e o corpo recuperasse forças.

Evita dobrar as articulações o mais que pode, ao descer para a Povoação, pensa que se o caminho fosse a subir lhe custariam menos as passadas. Mas, quando o rancho serpentear pela Lomba do Cavaleiro acima, há de compreender que pouco importa como seja a estrada, apesar de haver sido tratado no hospital da vila, onde outros romeiros também foram atendidos de iguais males e com igual cuidado. É certo que terá sentido um ligeiro alívio, mas ao pôr-se novamente a andar reavivam-se-lhe as dores e o cansaço.

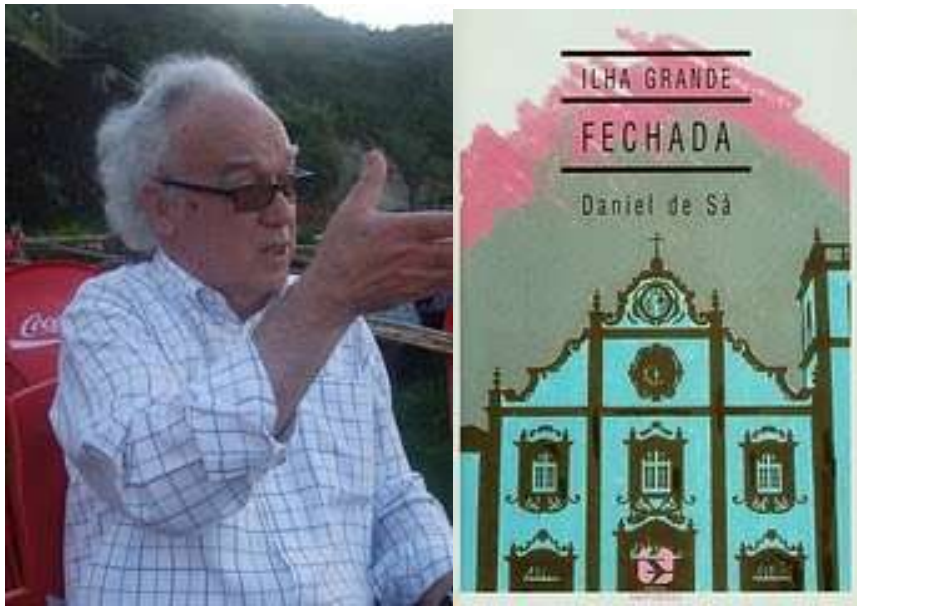
Anima-o que a meio da viagem deste dia há-se encontrar-se com a mulher e os filhos, mas o caminho até às Furnas é todo feito muito a subir ou outro tanto a descer, e isso lhe aumenta, ao imaginá-lo, o temor da distância a percorrer. E é tanto mais forte do que ele o seu cansaço que pouco lhe importa olhar para o vale, que o rancho vai deixando para trás, e onde os sete lombos das Lombas se abrem pela ilha dentro, ao contrário de em quase todas as outras partes, onde a terra se abre é na direção do mar.

Foi talvez por isso que aí, porque a ilha é um convite para quem vem do largo oceano e a vê assim a abrir-se subindo para a serra mãe, tudo começou com o mistério de todos os começos. Não ficou nome de ninguém nem registo de nenhum feito, e o pouco que se conhece tem a lenda por memória.

Da primeira casa de ramos e ervas, dos amantes que se amaram e do filho gerado antes de qualquer outro e que foi o primogénito da ilha, do mato desbravado, do grão que se semeou e se colheu, de tantos primeiros atos que fizeram a ilha começar a mudar-se, não se sabe mais do que a verdade evidente de que tiveram de acontecer... E só nos fica o imaginar passos e gestos, esperanças e temores, e a expetativa mítica de o que seria esta terra que revelava segredos ainda impossíveis de entender nunca em outras partes vistos por tais olhos, nem ouvidos sequer dizer que havia.

Se João tivesse nascido um pouco mais cedo (e quinhentos anos não são mais que um pouco de tempo na vida da Humanidade), poderia ter sido o primeiro a pôr pé em terra para aqui ficar de vez. Emigrante de um destino acaso mais incerto ao que quantos dividiram pelo Mundo Portugal, porque nesta imensa nau eternamente ancorada se vinha fazer tudo do princípio, cumprir-lhe-ia inaugurar um futuro novo. Alguém o fez, e desse alguém que foi talvez proscrito ou aventureiro não guardou a história o nome nem a lembrança, que mal se sabe de quem as barcas que primeiro chegaram e quando e como e onde foram chegadas. Viagem de emigrar na certeza de um não regresso, que muitas vezes nem chegada havia...

Ilha Grande Fechada. Lisboa, ed. Salamandra, 1992, pp. 43-44 e 45
2ª edição VerAçor Ponta Delgada 2010



Literatura e humor (Homenagem a João Ubaldo Ribeiro e Marcolino Candeias)

(Marcolino Candeias criou uma personagem magnífica, o Joe Cannoa, um contador de histórias fantásticas, capaz até de ressuscitar Lázaro uma segunda vez.

João Ubaldo Ribeiro deu vida a muitas personagens tão deliciosas como as do Marcolino.

Esta é uma tentativa de homenagear um e outro, através de um emigrante açoriano em terras brasileiras, vagamente primo do Joe Cannoa, que para lá foi em criança e que, do que diz, pouco soa à linguagem de pai e mãe.)

Um sítio chamado Aqui

Baiano tem famas bem ruins. Todo mundo o desconsidera como sujo e vagal, e mais ainda que, tendo esse tanto de porco e preguiçoso, é também a vergonha do Brasil na hora de falar. Mas seu Ubaldo escreve direito nossas falas, e faz literatura que não há quem não dê aplauso ou bote defeito, inclusive portugueses de Portugal, e sendo que eles dão lustro na prosápia, dedicando à gente a desgraceira da ignorância. E se vosmecê ouvisse Julinho Calçagatos, principalmente depois de feitas suas devoções de cachaça, então ficava sabendo o que é biblioteca mesmo. É certo que na hora de contar mentira não há quem ganhe ele, o que aumenta até a imensidão de literaturas que ele fala, e que o descarado chegou mesmo a dizer que os americanos já tiveram na Lua. Mas a gente desculpa, e põe as culpas na cachaça de Adínton, que é mais forte que álcool de sarar infetos. Teve uma vez um concurso de mentiras – ideia de Adínton para ganhar dinheiro nas apostas de aguardente – e o danado derrotou todo mundo num instantezinho. Nem deu hipótese. Não vou contar as mentiras da concorrência, uns excessos que ninguém pode imaginar, e eu não quero ser chamado de excessivo. Julinho Calçagatos, que era o último a botar palavra, falou só isto: “Esse pessoal aí estão fora do concurso. Tudo o que eles disse é verdade.”

Por essa razão das ilustres letras de seu Ubaldo me dá até vontade de chorar, eu que nem sou homem de chorar por cacarecos. Bem que minha santa mãe me azucrinava todo dia com a obstinação dos estudos, mas eu só tinha paixão de escola na hora de sair. Se escola fosse só sair dela eu tinha chegado a doutor. Tia Gertrudes era mais compadecida, e por isso era quem mais me aceitava em casa dela deixando meu banco esperar por mim em vão até quase ser hora de murucututu sair caçando. Chegadas as convenientes indagações, ela se justificava dizendo a mamãe que eu tinha ajudado no acarajé, competência de veterano, especialista mesmo, e não deixava aguar, não dava pausa enquanto titia fritava. Então aí mamãe exigia uns bolinhos como prova das alegações, e isso depois que eu levava uma porrada das retorcidas. Assim que a consequência era que só eu comia grosso das mãos dela, enquanto todo mundo se babava com os bolos de titia, mais ainda porque o feijão dela era o muito melhor daqui.

Papai se abstinha nas justiças, e só deu sentença em meu proveito quando eu fiz queixa, provada e comprovada por tudo quanto era aluno de professor Jacó. Professor Jacó não é de sabedorias seguras, não. Os meninos juraram em minha jura que ele ensinou isso de alfabeto dando um nome à terceira letra, e logo estava chamando ela de outra maneira. Num dia era cê e no outro era quê. “Mudou de opinião, e a gente sabe que professor não pode ter opinião”, falou meu pai. “O povo devia era tirar os filhos da escola, que para aprender errado não é preciso professor com diploma. Errado a gente sabe.”

Com tudo isso, não aprendi mais que umas sete ou doze letras, e até essas esqueci para todo sempre, veja a inglória. É isso aí que me dá vontade de chorar, já falei, que eu nem queria ser doutor, só presumia ser capaz de ler a Bíblia e nossas histórias de seu Ubaldo.

Aqui tem pouco pessoal capaz de ler direito, mas a velha Mariana sabe mais que uma universidade tudo junto, mesmo que ela é mais sábia que Julinho. Porém não admira, que foi o Espírito Santo que ensinou, tanto que até pode falar as línguas principais do Mundo, inclusive português, e só por humildade não fala e porque ninguém ia entender. A velha Mariana é daquelas mulheres que a gente pensa que já nasce velha e casa viúva, mas também foi novinha como Ernestina, pode ser mesmo que bonita como ela, que todo mundo quer ver passar quando ela passa e ficar olhando a roda da saia e esperando o vento. Foi ela que escolheu nome para quase o pessoal todo, porque sabe o nome de tudo quanto é santo, e praticou no montão de filhos que teve, que era metade do povo daqui se não tivessem ido para outras partes. Quando olhavam no espelho e viam cara de homem, pensavam que era tempo de abrir o gás, e pronto, abriam mesmo, só parando a mil léguas daqui, no mínimo.

Julinho Calçagatos é caso mais de espantar, mormente que não aprendeu de Deus, foi só ouvindo e falando a vida toda. Se todo mundo tem seu acarajé, o dele foi fazer laço a passarinho, e ali logo se perdeu homem capaz de ganhar Nobel naquilo que fosse preciso, pode crer. Era só dizer “Julinho, vai aí no concurso e vence esses camaradas todos.” Nem que fosse alemão ou americano ele vencia mesmo. Julinho podia até ter estudado para santo, o que parece ideia de jerico mas só antes de ouvir suas razões, mas ele não quis, diz que dá uma trabalheira medonha que mesmo só santo é que pode. Se não fosse, Julinho chegava a santo, com velas, flores e tudo lá no altar, só que ele queria isso era para fazer umas vinganças, não esconde. Rico que fosse na igreja pedir abundância, ele dava só de piolhos e de bexigas, e se não lhe dava

uma bicuda na testa era porque santo não mexe, o que é outra amolação que Julinho não aguenta, por isso ser santo é difícil mais que subir pau de sebo. E de carne não havia de consentir na mesa do rico mais que mocotó em dias de festa, Carnaval inclusive, e isso caso o rico não gostasse. Mas menina boa e feia ficava logo ali boa e boa, ora veja, não sei se entendeu.

Uma vez teve aqui dois fulanos para arrolar o povo de testemunhas de Jeová, que é o Nosso Senhor deles, e foi Julinho quem resolveu a questão. Bem que a velha Mariana tentou, mas embatucou, com respeito a essas coisas que eles mostravam na Bíblia, e o povo olhando e ouvindo sem saber que dizer. Os fulanos falavam que o Mundo ia acabar mais dia, menos dia, mas davam garantia do Céu, e mais não sei o quê. Se eles acrescentassem setenta virgens, como os outros, a gente até que fazia negócio sem mais considerandos, que a coisa estava ficando meio chata. O pior foi na hora de explicar o que era proibido lá na religião deles. Houve coisas que a gente ia dando acordo – não bater na mulher, tava certo. E a mulher pode bater no homem? – Não pode, tá mais certo ainda, duas vezes certo, com isenção para a mulher de Junípero, todo mundo sabe. Pagar um dinheirão para as gravatas deles e mais os ternos e as pastas e as viagens, que o mundo é grande, maior que o sertão todo e cheio de granfinagem que a gente nem sonha. Eles não falaram isso, mas o pessoal percebeu logo. Pior foi na hora de proibir cachaça. Julinho foi mandando “bota aí outra cachaça, seu Adínton”. Os da pasta deitaram fogo pelos quatro-olhos e falaram que ele ia direito para o Inferno. Julinho encheu de ar, tossiu quatro vezes (aquela era especialíssima ocasião, que nas vulgares só tossia três), e emborcou o resto da cachaça. Nem cuspiu, que ele não cospe depois de beber para não botar fora o gosto. Puxou as calças, esfregou com o dedão do pé direito o calcanhar canhoto, e deu sentença. “Vosmecês falam que nessa especialidade de Céu só cabe cento quarenta e quatro mil.” Depois, descendo no respeito, acabou a argumentação. “Vocês o melhor mesmo é não procurar mais fregueses que tire seus lugares.”

Morreu aí. Tinham entrado rezando e saíram xingando todo mundo. Pelos modos, aqueles fregueses não vão fazer parte dos cento e quarenta e quatro mil. Não merecem. E a culpa é toda de Julinho Calçagatos. Já dizia a mãe dele que ele botava as almas dos outros nos Infernos.

Seu Adínton também não sabe ler, mas tem livros com tudo quanto é fiado. Em vez de nome ele faz um desenho das aparências de cada qual, assim que bigode quer dizer Jorginho Filho, sobrancelha grossa é seu Antenor, e os mais consequentemente. Julinho não precisa desenho, Adínton tem um livro só para ele. Pior é o desenho de Raimundo, a quem a mulher planta na testa até doer a alma só de ouvir suas histórias escondidas, que eu nunca vi nem quero ver para não ter assombrações. E diz quem já viu o desenho dele que Adínton capricha nos pormenores da armação. Raimundo disfarça, mas a gente vê na cara que está sempre virado no cão, chateado mais que lagosta apanhada no jereré, e não é para menos, que ninguém gosta. Dívidas de cachaça são lembradas com um copo cada vez, e quando chega no quinze ele faz uma moringa. Sendo caso que o camarada bebe mais quinze sem pagamento, Adínton não desenha outra moringa, faz um dedo espetado com seu dedo do meio servindo de modelo, veja o desaforo, e não dá nem mais uma pinga ao coitado.

Televisão nunca apareceu aqui para filmar o povo e essas coisas assim, que o único crime mortal que teve aqui foi quando Formosinho degolou Dalberto. Formosinho é um cara sem vergonha, mas houve até quem risse da façanha dele, que isso não é tudo alma lavada. Mas a gente ri sempre quando lhe chama esse nome, que o pobre é tão feio que só explicar mete medo. E até deu risada universal quando ele ficou com os olhos quase saindo pelo carão fora, por causa do aperto que Zé Cão lhe deu no gargalo. Zé Cão é o dono das cabras viúvas do bode defunto, e só não esganou mesmo Formosinho para todo o sempre porque não era dono do bode. Se fosse, esganava, e o crime ficava mais feio ainda. O dono era Formosinho mesmo, mas Zé Cão queria o bode dele para fazer ofício nas cabras, e estava no tempo das núpcias delas. Foi isso que ele não perdoou, porque para achar outro bode capaz de tais proezas, inclusive que Dalberto nem sequer era de preliminares demorados, precisava ir até ao finzinho do Recôndito, e mesmo assim não sei. Mas o verdadeiro dono do bode até que tinha razão, que bode não dá leite e ele já vinha aguentando o bicho vivo há muito tempo só para emprenhar as cabras de Zé Cão, que não pagava dote nem nada. Era só despesa, que bode depois de crescido não rende na engorda, e Dalberto levava seis meses recuperando-se dos obséquios. Aliás o coitado de Formosinho jurou que não tencionava matar, apenas queria cortar um chifre para uns enfeites lá dele, só que o cabrão do bode não deixou ele cortar rente, e então Formosinho teve de cortar na goela, veja a desgraça. Dalberto morreu logo ali, e o desnaturado aproveitou o óbito do chifrudo para fazer jantar de bode assado.

Aqui tem igreja, mas é tão pequenina que Nosso Senhor tem de sair para o povo entrar. E botaram nela um santo que não há quem conheça, nem padre, nem bispo, nem papa mesmo, inclusive a velha Mariana. Imagine só: São Cucufate! Mais esta no desprestígio! Cristão não leva nome assim, mas pode que na língua dele até fosse grande importância. A velha Mariana, que sabe de santos e santas e Nossas Senhoras que nem doutor da Igreja, leva um ano

inteirinho de catecismo só treinando os meninos para não rir quando ouvem o nome dele, e não é para menos.

A igreja quem mais usa é a velha Mariana, mais ainda nos dias que Brasil joga copa. A gente põe ela rezando lá para Deus Nosso Senhor ajudar o escrete, ou para desajudar os outros, o que faz os mesmos devidos efeitos. Quando o jogo é com os pançudos da Argentina ou com os delicadinhos ingleses, ela vai de véspera. Nesses dias o boteco fica tão empestado que não cabe nem mosca, mas está tudo de acordo. O pior é no resto do ano, que isto aqui o futebol é muito dividido. Metade do pessoal é Bahia, outra metade é Vitória, e a terceira metade é uns sem-vergonha de clubes que eu nem sei o nome direito. O mais peguento é Chico Come-Água, que é Fluminense, acha que pode? Mas não é Fluminense de Feira Futebol Clube, se fosse, pelo menos era time baiano, ele é Fluminense carioca, por raiva que tem do outro, porque queria ser goleiro lá deles, e o mister disse a ele que não servia nem para gandula pois não agarrava nem bola parada. E quem viu ele pensar que estava jogando confirma.

Aqui é tudo doutor de bola, se duvida pergunte, e se quer provas aqui tem a alinhação do time que deu despacho de 5-2 na Suécia: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Orlando, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. Este pessoal só não ganhou três copas seguidas porque perdeu em Inglaterra com os moçambicanos, que os portugueses só sabiam jogar futebol quando eram moçambicanos, e mais porque contra eles só alinhou metade do escrete, que o beque direito deles completou nas pernas do Rei a ousadia que um comunista tinha começado. Mas o futebol de hoje é outro sentimento que dá vontade de chorar. Antigamente tinha pontas que driblavam tudo quanto era zaga, e ficavam esperando os meias para driblar antes de fazer gol. E tinha chute que era mais que tiro de canhão e até assustava os anjos. Nos treinamentos de Jairzinho não botavam véu de noiva na baliza que ele chutava, para não rasgar. Mas desde que apareceu a televisão dando importância neles, jogador de futebol mais parece estar fazendo concurso de misse, um desconsolo. E mais ainda que agora todo mundo se divide na opinião, que cada um vê penálti e ofissaide quando quer que seja penálti e offisaide, e quando não quer não vê. Antigamente o pessoal acreditava no espíquer sem mais quê nem pra quê, não dava encrenca, ele falava tava falado, quem era a gente para negar?

Que me desculpe seu Ubaldo, mas isso de saber ler eu acho que não ia dar, não. Eu gostei de ser menino, mesmo daquele modo sem jeito que já contei. Quando fiz doze anos só passava de metro e meio porque tinha calos nos pés como jegue sem ferraduras. E agora veja se tem jeito eu usar sapato fino. Futebol tinha cheiro de suor dos pontas que passavam correndo na linha e perfume de couro da bola. O povo comia pó e aguentava firme na chuva, no sol e no vento. O povo fazia parte do jogo. A televisão meteu o jogo em nossa casa, mostra tudo direito, a verdade que não tinha antigamente e por isso é que era tudo tão lindo. E dá repetição até. Mas vida não tem repetição, não. Não dá para ver como foi para aprender como devia ter sido. Se eu fosse capaz de ler os livros de seu Ubaldo, ia poder ficar lendo tudo quanto é livro. E pode que aí fosse como isso de televisão. Acabava o encantamento e a inocência.

Dueto a uma só voz

O meu amigo José do Carmo Francisco, um poeta de suave sensibilidade, é também jornalista do jornal “Sporting”. Costuma acompanhar por todo o País as equipas jovens do nosso clube, e houve uma vez em que começou assim a crónica de um jogo: “Verde pode ser a cor da paixão. O verde das folhas da videira a anunciarem as uvas e o vinho novo. Os verdes anos da juventude que quer apressar a chegada do amanhã. Verde da paixão, paixão do verde. Das folhas da videira que hão de secar no outono. Felizes os que os deuses não amam, porque talvez não morram jovens. Felizes os que, como as folhas da videira, não são jovens para sempre. Porque só a morte faz eterna a juventude.”

Apesar da frequência com que transforma um relato desportivo numa viagem pela poesia, esta introdução parecia ser mais do que um simples efeito literário. E era, de facto.

Dispondo de umas horas livres, resolvera passear pelos arredores da vila onde os juniores do Sporting iriam jogar, e chegara até uma quinta em cujo

portão, ao lado de uma casa carregada de velha dignidade, era anunciado vinho do produtor. Mais como consequência do seu espírito curioso do que por desejo real de comprar algum, embora fosse esse o pretexto com que justificaria o que ali ia fazer, puxou a corda da sineta que servia para chamar quem devesse abrir o portão, mas foi à porta da casa que apareceu um homem de bom aspeto, com cerca de quarenta anos, que o mandou entrar por ali, dizendo depois das apresentações: “Minha mulher não está. Foi visitar a irmã.”

Para se dirigirem à adega, passaram pela cozinha. Postas sobre uma cadeira, estavam umas calças escuras, azuis, uma camisa de riscas verticais azuis e brancas e meias num tom levemente mais escuro do que as calças. O dono da casa explicou: “A Lucília saiu enquanto eu estava a descansar um pouco e, como sempre, teve o cuidado de me deixar a roupa preparada, para o caso de eu precisar de sair. É que eu sou um desastre a combinar as cores. Nunca atino... Imagino que esta que vesti para andar por casa deve estar terrível...”

Usava camisa castanha, calças cinzentas e peúgas verdes. Em cima da mesa havia um bilhete, para que ele lhe chamou a atenção, no qual estava escrito numa letra muito bem desenhada:

“Meu Amor:

Vou a casa de minha irmã. Talvez me demore.

Beijos.

Lucília”.

Pegou noutra folha do bloco de notas e escreveu, com letra meio gatafunhada:

“Meu Amor

Vou mostrar a quinta a um amigo que veio de Lisboa. Se chegares entretanto, vai ter connosco.

Beijos.

Maurício.”

Guardou o recado de Lucília numa gaveta do louceiro, onde estavam muitos outros, explicando: “Sou incapaz de rasgar um bilhete seu. Mas ela tão-pouco rasga os meus. Quer ver?” E mostrou a gaveta ao lado. O José do Carmo Francisco notou um pormenor curioso: todos os bilhetes dela tinham dois pontos a seguir a “Meu Amor”, mas os dele não.

Havia outro retrato de Lucília na cozinha, e o José do Carmo comentou: “Desculpe que eu lho diga, mas a sua mulher é muito bonita.” O outro sorriu e respondeu: “Um elogio não se desculpa, agradece-se.”

A visita à quinta começou por uma vinha identificada com a inscrição “Quinta de Noé”. O desconhecido, de que sabia apenas o nome e o pouco que ia descobrindo, explicou: “Estas videiras produzem um vinho forte, rústico e primitivo. Já trincou por acaso um bacelo? Tem-se a impressão de que o seu sabor permanece neste vinho, que tem a qualidade de excitar todas as papilas. Os enólogos talvez o definissem como um vinho encorpado, mas eu prefiro usar outra linguagem.”

A vinha seguinte era a de Dioniso. “Não sei se lhe parece estranha a forma como escrevi o nome, mas prefiro esta para o deus grego, deixando a outra para os simples mortais. As uvas desta vinha produzem um vinho ligeiramente ácido, menos grosseiro que o de Noé, mas que não absorve demasiado o sabor da madeira dos barris. É um vinho que tem apenas um sabor a vinho, perdendo a memória das uvas ou das cepas de que provém.”

A terceira vinha era a de Baco. “O vinho desta é semelhante ao da vinha de Dioniso, mas mais civilizado, mais suave. Sente-se pouco a sua passagem pela boca, como se ele não servisse para mais do que transportar um calor muito agradável que nos cai no estômago de modo inesperado.”

A última vinha tinha o nome de Lucília. “Olhe, meu amigo, aqui está a minha obra-prima. Estas uvas são delicadas, não devem ser pisadas por pés de homens nem levadas à prensa, por isso são espremidas apenas com as mãos, como que acariciadas. As crianças, sim, podem pisá-las. As mães trazem-nas como que para uma festa e lavam-lhes os pés naquela fonte. Deixo o mosto fermentar com as cascas, a polpa e o bagaço antes de coar. Depois de decantado, mudo-o. Ofereço este vinho a todas as igrejas ao redor daqui, para a missa. O resto, dou-o aos amigos. Se me permitir a honra, ofereço-lhe também uma garrafa.”

Mudou de tom, passando de um certo entusiasmo para um ar de tristeza. “O senhor é casado, não é? Mas não se admire por eu dizer que não lhe desejo que ame a sua mulher tanto como eu a minha. Vivo numa paixão constante, que me aflige, porque temo sempre que aconteça qualquer coisa de mal à Lucília. Ela esteve doente, muito doente, pouco depois de nos termos casado, e nem imagina o pavor que foi pensar que ela podia faltar-me. Queira Deus que isso não suceda nunca.”

Abriu uma garrafa do vinho com o nome dela, e ofereceu um copo ao José do Carmo, dizendo: “Não pense que eu sinto esta paixão como nos primeiros dias, embora a viva da mesma maneira, ou mais forte ainda. Já viajou de avião, com certeza. Quando ele arranca para levantar voo, e enquanto vai subindo, nós sentimo-nos arrastados por aquela velocidade que é quase uma explosão. Depois, quando atinge a altitude conveniente, estabiliza e nem nos apercebemos de que estamos a voar. Mas estamos, e mais depressa do que durante a subida. Pois os dois momentos da verdadeira paixão são isso mesmo: um primeiro, que é como se fosse uma explosão, e um segundo, o da tranquilidade e da segurança. Talvez não o notemos, mas este momento é mais forte ainda do que o primeiro, apesar de poder durar a vida inteira.”

O vinho era de uma suavidade que não ficaria mal comparar à do rosto de Lucília, mas depressa se percebia ser forte também, talvez de uns catorze graus.

“Devo ser um dos poucos homens a quem a mulher faz versos, veja lá.” Foi a um nicho na parede da adega, onde havia uma sebenta que mostrou, explicando: “É aqui que eu registo o vinho. Não tenho nenhuma contabilidade, mas gosto de saber o que cada vinha produz.” Arrumou a sebenta, cheia de carateres tão gatafunhados como as letras do bilhete, e pegou numa paca de fotocópias. “Estes são os poemas de Lucília. Gosto de os ler de vez em quando, enquanto bebo um copo do seu vinho, e por isso trago para aqui as fotocópias que faço do caderno em que ela os vai escrevendo. Aliás, ela escreve-os em dois cadernos: um para mim, e outro para si mesma.” Fez uma pausa, talvez à espera de que o José do Carmo lhe pedisse para ouvir alguns poemas, mas este sentiu pudor de lho dizer. No entanto, ofereceu: “Não se importa que eu leia este? Ela chamou-o ‘Primícias’. Lucília tem uma predileção especial pelos frutos novos. Os primeiros que amadurecem são sempre para ela, que os espera com a ansiedade de uma criança.”

Enquanto separava a folha das outras, caiu uma, escrita com letra desajeitada igual à da sebenta e do bilhete que deixara à mulher. Ao juntá-la, disse: “Às vezes Lucília falha algum dos poemas. Nunca me deixa ver os rascunhos, mas surripiei-lhe este, copiei-o tal e qual como estava, e voltei a guardá-lo na sua gaveta, que ela não fecha. Ela não escreveu nunca o soneto na sua forma acabada, mas pode ser que aproveite a ideia, porque isso acontece-lhe com frequência. Leva dias sem saber o que fazer a meia dúzia de versos e, de um momento para o outro, mudando tudo, tem um poema pronto e bem feito.”

Na margem da folha havia uma série de rimas anotadas que poderiam servir para as quadras do soneto, e que eram as seguintes: *“português, três, mês, vez, porquês, Inês, maduras, alturas, puras, futuras, mercês, curas”*. O rascunho, com algumas setas a indicarem a posição prevista para um ou outro verso, estava escrito assim:

“Eu sei que pelos campos me procuras
(Eu) Sei que (em) por toda a parte
e em tudo o que
E em quanto o que for belo
Seja belo me revês
Ó meu Dom Pedro, rei e português,
Que (a) tanto amor amando não descuras!
Eis-me de ti senhora, e eis-me Inês,
És o meu Pedro, sou a tua Inês
Eis-me (sou tua) serva que alçaste nas alturas,
(alçada)
Para sempre a rainha das ternuras
(que tu juras)
Porque o amor (só fala) diz tudo sem porquês.
Para sempre a rainha que tu crês.
A senhora de todas as mercês
Quisera ser por ti sempre donzela
que sempre em mim tu estreasses
Não maculaste, amor, o que tocaste.
Meu corpo de mulher imaculada.
um imaculado de mulher
Num corpo de mulher imaculada
que tanto apagas
E sou, amor... Se fui, sou inda bela
pura e
E pura, como quando me encontraste,
Como quando há dez anos me encontraste
Que o teu amor em mim não mudou nada:
Nada estragaste, amor, do que tocaste.”

Em seguida, deu a sua opinião a respeito de como imaginava que Lucília teria organizado o soneto, se este lhe tivesse agradado, lendo o que escrevera no verso da folha:

“Sei que por toda a parte me procuras,
E em quanto seja belo me revês.
És o meu Pedro, sou a tua Inês
A quem teu grande amor nunca descuras.

Sou tua serva alçada nas alturas,
A senhora de todas as mercês,
Para sempre a rainha que tu crês,
Para sempre a rainha que tu juras.

Quisera ser por ti sempre donzela,
Num corpo de mulher imaculada
Como quando há dez anos me encontraste.

E sou, amor... Se fui, sou pura e bela,
Que o teu amor em mim não mudou nada:
Tu não maculaste, amor, o que tocaste.”

Depois pegou no soneto que se mostrara disposto a ler, e fê-lo, devagar, sem forçar a emoção nem o tom declamatório:

“Primícias

Sempre esperaste, amor, que eu te beijasse
Como a primeira vez de ser beijado.
E eu sempre espero como se esperasse
Um pedido de amor não declarado.

Sempre esperaste, amor, que eu muito amasse,
Como ninguém, jamais, foi tão amado.
E eu sempre esp’rei que o meu amor bastasse
A quem tão grande amor tem desejado.

Que mais te posso dar, se tudo dou,
Desde as flores colhidas pelos campos
À minh’alma e ao meu corpo quando vou

Nas fugas infantis de estarmos sós?...
E serão sempre como frutos lampos
As carícias trocadas entre nós.”

Ouviu um elogio do José do Carmo Francisco, escolheu então uma garrafa do vinho prometido, e, como se o fizesse distraidamente, embrulhou-a nas folhas em que estavam escritos o soneto falhado e o outro. O José do Carmo fingiu que não reparou, porque entendeu que ele talvez tivesse vontade de que os levasse consigo. Ao despedirem-se, ele disse: “Quando lhe apetecer mais um pouco desse vinho, pode voltar à vontade. Se Lucília não estiver, falaremos dela e eu ler-lhe-ei algum poema.”

O meu amigo agradeceu e despediu-se sem pensar sequer que não levava o garrafão de vinho que dissera querer comprar, e seguiu de imediato para o campo de futebol, ao lado do qual havia um cemitério cujas flores o faziam parecer mais um jardim de sonho do que um lugar de sono eterno. Como ainda tinha algum tempo livre, resolveu entrar e, por não levar um ramo de rosas ou de cravos para oferecer àqueles mortos, apesar de não conhecer nenhum deles rezou-lhes um Pai-Nosso e uma Ave-Maria e percorreu campa a campa com a mesma devoção com que contemplaria cada altar de uma catedral gótica. Numa delas havia o retrato de uma jovem de grande beleza. Vendo o ar de pena com que o José do Carmo deixava perceber o desconcerto que lhe ia na alma, uma senhora de idade avançada, e que logo pareceu muito faladora, explicou que a moça fora professora do liceu e morrera de leucemia. O marido, também professor como ela, abandonara para sempre as aulas quando perdera a esperança na sua cura e teimava em viver como se a mulher fosse ainda viva. Tentara convencê-la de que se tratava de uma anemia teimosa, o que, dizia-se, a rapariga fingira acreditar para que ele não sofresse ainda mais. Pelo aspeto do túmulo, muito bem cuidado, percebia-se que a jovem fora, e seria ainda, muito amada. O meu amigo pensou que conhecera nesse dia duas belas histórias de amor, apesar de esta ser triste e talvez um pouco exagerada pela imaginação da narradora. Só então reparou na legenda, meio tapada por um ramo de flores azuis e amarelas:

“Lucília”
Nasceu a 24 de junho de 1958”

Revista Atlântida, edição de 2005

As Duas Cruzes do Império – Memórias da Inquisição
SERMÃO DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA NA CIDADE DE ANGRA

Qui habet aures audiendi, audiat.
Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.

Este aviso é de Cristo Senhor nosso. Mas por que o terá feito o Divino Mestre, que nunca disse uma palavra em vão? Não será que os ouvidos não servem senão para ouvir, e é inútil apelar ao que servem se a outra cousa não servem? Cristo sabia a quem falava, e conhecia os ouvidos de cada um dos Seus ouvintes. E, assim como há olhos que, olhando, não veem, há ouvidos que, ouvindo, não escutam. *(Quia videntes non vident, et audientes non audiente neque intellegunt.)* Mas como pode acontecer que, tendo os ouvidos no ouvir a sua função, e havendo quem lhes fale, não ouçam? Ou porque os homens, ouvindo, não queiram ouvir *(audientes non audiunt)* ou porque não entendem *(neque intellegunt).* E são estas as piores formas de não ouvir, sendo a segunda sem malícia, por ignorância, e a primeira semelhante à maldade do Demónio, por não atender à verdade.

Se aqui vindes para ouvir sem escutar, melhor fora que não viésseis nem vos falasse eu. Porque nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que vem da boca de Deus. *(Non in solo pane vivit homo, sed omni verbo quod procedit de ore Dei.)* E a boca de Deus (oh! cristãos, indigníssimo sou eu de falar por ela), não vos é dada outra, agora, senão a minha. Mas, se não há quem fale, não há quem ouça; se não há quem ouça, não há quem escute; se não há quem escute, não há quem aprenda; e, se não há quem aprenda, não haverá quem saiba.

Vários são os passos da Sagrada Escritura em que se lê que a boca tem poder de vida e poder de morte. Ah, que maravilhoso e terrível poder! Pela boca se alimenta o como, mas, desatenta do que come, o matará se engolir peçonha. Assim são as palavras, que podem servir à salvação de muitas almas ou trabalhar na perdição de tantas outras. Com a falsidade das suas bocas perversas, quiseram os velhos luxuriosos perder a fiel Susana; mas com a mentira delas se condenaram ambos, porque um disse que a vira debaixo de um lentisco e, o outro, de um carvalho. De maneira que se salvou o lírio de ser arrancado ao jardim da sua vida, e foram arrancados ao paul, de que era a deles, os dois perversos.

Temos, pois, que servindo a boca a variadas funções, as principais são servir o corpo, alimentando-o, e servir o pensamento, falando. E tomará o gosto do que come, para que o comer mais apeteça, e o gosto do que diz, para que possa convencer quem ouve. Porque, se o que fazemos sem gosto de o fazer não pode ser exemplo de que outros por gosto o façam, falar sem gosto, ou sem acreditar no que se diz, não convence. E quantos de nós não estaríamos mortos já, ou decerto todos, se a boca não nos valesse quando o nariz, que tem de sua natureza própria respirar, não o consegue! Mas nem só a isto ele serve, porque os cheiros bons ou maus no-los dá a perceber, e até o paladar se perde quando ao cheiro ele não serve. Deus, na Sua infinita sabedoria e pela Sua omnipotência, permitiu a cada um destes órgãos distintas funções, para não nos fazer disformes de cara ou monstros de várias cabeças. E até os olhos, que parecem servir só para ver e não mais que isso, são necessários ao sono, fechados quando dormimos, e inúteis, como se estivessem fechados, quando caminhamos na escuridão. Só os ouvidos não servem para mais que uma função, e nunca se fecham nem recusam a vigiar por nós, quando os outros sentidos temos desapercebidos no esquecimento do sono ou na escuridão da noite. De que serve à sentinela ter olhos, quando não vê? Um cego pode estar de vigia em noite negra, e nisso ele até melhor que nós, porque o habituou a necessidade a ver sem olhos. E, se os olhos precisam de claridade e de estar voltados para o que veem para poderem ver, aos ouvidos não faz falta a luz, e mais ouvem sem ela que com ela, tudo ouvindo sem importar de onde vêm os sons que ouvem.

Pode a boca recusar-se a comer ou a falar, e cabe-lhe escolher, pelo saber e o sabor, o que mais convém à saúde do corpo; e, pela boa razão, dizer só o que mais convém que seja dito. E, se os cheiros nos previnem onde há a podridão ou nos atraem ao perfume, é fácil fugir de uma ou demorar na deleitação do outro, como é fácil também que os olhos se desviem do que não queremos ver. Só aos ouvidos, feitos para sempre ouvir, não há como fugir-lhes a que cumpram tal função. De maneira que, como diz o livro do Eclesiástico, devemos cercar os ouvidos com espinhos.

(*Sepi aures tuas spinis*.) Com espinhos, meus irmãos! Olhai que antes será melhor sofrê-los que atender ao que nos pode perder a alma. Esta a grande lição que daqui havemos de tomar: que se é difícil fugir a que se ouça, grave é a responsabilidade, entre tantos sons e arrazoados, tantas confusas ideias e palavras sábias, tanto soar de ocos címbalos ou mui iluminados pensamentos, de escolher o que mais importa à salvação das nossas almas. Foi isso ao que viestes, e é isso que sempre haveis de buscar mais que tudo em vossas vidas.

Contudo aos ouvidos que não ouvem é inútil falar, ainda que o mesmo Deus o faça. Não se deitam pérolas a porcos, que preferem a lama que os refresca a um tesouro de que não podem tirar proveito. E não importa serem sábios os ouvintes porque, muitas vezes, os ignorantes são mais sábios a ouvir. E nesse mesmo livro de sagrada sabedoria se diz que é melhor um homem com pouca sabedoria e fraco senso que teme o Altíssimo, que outro de abundante senso que não cumpre a Sua lei. (*Melior est homo qui minuitur sapientia et deficiens sensu in timore, quam qui abundans sensu, et transgreditur legem Altissimi*.) Vede como deu Cristo graças ao Pai por revelar as verdades da salvação aos ignorantes, escondendo-as a sábios e poderosos. E, se aqui nos parece Deus injusto, é porque não O entendemos e, se O não entendemos, é porque O não sabemos escutar. Pois estes são os falsos sábios, que cuidam que o seu saber lhes basta e a nenhum outro dão ouvidos; e os poderosos são aqueles que cuidam que o poder lhes dá razão, e a outras razões não atendem senão às suas. Sábio era Nicodemos, mas quis ouvir as razões de Cristo, e convenceu-o a verdade; poderoso era o centurião, mas humilhou-se perante o poder de Cristo, e Este lhe curou o servo e exaltou tão admirável fé. E, das almas mortas pelo pecado, só às que se fazem pequenas pode Cristo erguer da morte e ressuscitá-las para a vida eterna, como ordenando a cada uma delas: *Talitha kum*. (Menina, levanta-te!) Qual dos dois saiu justificado do templo? O fariseu que se proclamava cumpridor da Lei, ou o publicano que se confessava pecador?

De nada valeu a um ter proclamado o que não era, e muito foi para o outro ter confessado o que julgava ser.

Mas que é a verdade? *Quid est veritas?* A esta pergunta de Pilatos calou Cristo, como se não soubesse responder. Se Deus tudo sabe, por forte razão terá calado. E a razão não foi outra senão conhecer os ouvidos que O ouviam, sabendo que nenhuns deles estavam dispostos a aceitar como verdade o que Ele dissesse que era a verdade. *Omni qui est ex veritate, audit vocem meam*. Quem é da verdade ouve a Minha voz, foi a resposta de Cristo a Pilatos, que não era homem da verdade nem nenhuns outros que com ele estavam. E assim perderam muitos, que Lhe ouviam as palavras mas ouvindo só o que queriam e como queriam, uma oportuna ocasião de se converterem à Verdade que lhes era ali proposta.

Sendo que Deus cala por inútil falar ao auditório (ou porque não mereça, ou não entenda, ou não queira escutar), é semelhante a nós no ouvir, porque os Seus ouvidos, infinitamente mais que os nossos, não se fecham nunca. De maneira que não pode escusar-Se Deus a saber que palavras saem da nossa boca, porque, assim como não cai uma pena a uma ave nem um cabelo às nossas cabeças sem que Ele o perceba, assim a nenhuma palavra pode fugir Deus de a entender. E, o estar em toda a parte, e conhecer todas as cousas e ações e pensamentos e intenções de cada homem, torna Deus testemunha de todos os instantes da nossa vida. *Et in omnibus his insensatuns est cor, et omne cor intelligitur ab illo*. Pois, cristãos, ainda que seja o coração humano insensato, Deus vê tudo nos nossos corações. Oh! se pensáramos nisto, se tivéssemos a mesma vergonha ou temor de ser vistos por Deus ou por Ele ouvidos como temos de ser por outros homens, quão santa seria a nossa vida, quantos males se evitariam neste mundo, e quantas almas, que se perdem, haveriam de ser salvas! Deus, porém, não nos quer justos pelo temor mas pelas boas intenções, porque se nenhuma ação é má se não é feita com maldade, nenhuma será boa se só por medo evitamos ser maldosos.

Por que não fala Deus no nosso tempo como falou a patriarcas e profetas e muitos santos do povo eleito, no Velho Testamento? Por que só vos envia homens como eu, que sou pecador como vós, que não sou mais que vós e que mais não sei de Deus? Como podereis acreditar que as minhas palavras são as que Cristo haveria de dizer e não outras? Não será porém, cristãos, que o falar de Deus aos homens é o mesmo ainda, como foi no tempo de Abraão, de Moisés, de Elias e de todos os santos varões e santas mulheres que viveram antes da vinda de Cristo? Não será que, sendo Deus o mesmo, o modo de Ele falar aos homens não poderá ter-se mudado nunca? Não será que, se houve mudança (e que desgraçada mudança!), essa foi nossa, que deixámos fechar-

se o coração e não somos capazes de escutar Deus? Talvez cuideis que seríeis santos se vísseis o mesmo Cristo, quando, em vez de um Cristo somente, tendes em cada homem, nosso irmão, a presença de outro Cristo. Tratai com todos eles acreditando que o são (e é isso que são e não menos) e vivereis como viveríeis acompanhando a Jesus na Galileia ou na Judeia. E sereis santos.

Mas vós, que vos conheceis a vós mesmos melhor que aqueles que não veem mais que as vossas ações e não ouvem mais que as vossas palavras, sabeis que os vossos pecados vos impedem de ser uma sombra da imitação de Cristo, quanto mais um Cristo verdadeiro! Porém Deus não manda que cada um de nós se julgue Cristo, senão que trate com cada um dos outros como se na verdade o fosse. Deus criou o Céu e a Terra para todos os homens. E se há Inferno para os que não merecem o Céu depois da vida na Terra, também aqui pode haver já Céu e já Inferno. E sabeis quem mais faz com que o Inferno seja Inferno e mais almas leva a ele? Não é outro senão o Demónio. Se viveis com todos os homens como se cada um deles fosse Cristo, antecipais o Céu na Terra; mas se, para os vossos irmãos, tornais a Terra um Inferno, fazeis o trabalho do Demónio.

Sofremos muitas tentações, e em muitas delas caímos. Olhai que paciente é Deus para connosco, que uma só vez pecou Lúcifer no orgulho de não querer obedecer-Lhe, e foi condenado eternamente. E o Senhor permite-nos pecar muito, sem perdermos a esperança da salvação.

Vigilate et orate, ut non intretis in tentationem. Vigiai e orai, para não entrardes em tentação.

Fecharam-se os olhos aos apóstolos pelo sono, não se fechem os vossos ouvidos às palavras de Cristo. Vigiemos, cristãos, que ninguém pode pôr outro de vigia à sua alma enquanto esta dorme, que é o mesmo que dizer enquanto não cuida do bem dela. Podem dormir todos os marinheiros e o capitão do navio, só não há descanso para quem vigia o mar ou vai ao leme. E se a vida é como o mar, e a nossa alma o navio que navega nele, e queremos que chegue a porto seguro, que é o Céu, temos de ser o capitão e o piloto e o vigia e o timoneiro e o grumete. Porque, se não formos cada um tudo isso para a nossa alma, qualquer rochedo, ou baixio, ou vaga de través poderá perder-nos para sempre.

A que trabalhos se dão os homens pela fortuna do corpo! Se uma pequena parte desse cuidado, se uns momentos só desse penar, se a intenção ao menos do que põem no sofrer pelas riquezas do Mundo fosse posta na salvação da alma, não lhes fariam falta nem pregadores, nem outras penitências, nem nenhum arrependimento. Olhai no meio de que dor saem os navegantes que em longes terras, entre desconhecidas e temidas gentes, acumulam tesouros neste mundo. Ouvi como nos previne Cristo: *Nolite tesaurisare vobis tesauros in terra*. Mas que ouvireis e vereis aqui?

Quantos choros, quantas lágrimas, quantos gritos, quantos desesperos, quantas incertezas de ver regressar quem parte! Quanto disso tudo e mais o medo de não voltar a ver quem fica, que os perigos do mar (que duas vezes experimentei mais duramente) são tão feios e medonhos e tormentosos que outros não haverá de causas naturais que os superem. E tal desconcerto por riquezas que ninguém está seguro de alcançar, nem estarão elas seguras nunca depois de alcançadas. Podem durar uns poucos dias, podem durar muitos anos, mas, por mais que durem, sempre será pouco o tempo que durarem.

Estote ergo vos perfectis, sicut et pater vester caelestis perfectis est.

Cuidava eu que me bastava a oração e a penitência, a pobreza de nada ter de meu e a obediência que devo a quem devo, que não me pedia Cristo mais que servir os homens e pregar-lhes a verdade, que tinha por certa a virtude só com evitar o pecado. E que ouço da boca do Divino Mestre? Que só serei perfeito quando for igual ao Pai celeste! Que impossível para um homem que, só por ser homem, é imperfeito já! Não sabemos que ninguém é perfeito senão Deus? E como me pede Cristo a mim que o seja? Mas não o pede, só previne; não o exige, só o aconselha; não me põe por condição ser igual a Ele, só avisa que, como eu nunca serei perfeito como o Pai, não poderei descansar nas virtudes da minha alma, por maiores e mais provadas e mais constantes que sejam. Isto me quereis dizer, Senhor, e isto terei eu de fazer, sabendo que à perfeição não se chega nunca. Isto tornou santos os santos, isto fez de homens como eu a Vossa imitação na Terra.

Nenhum deles foi perfeito, e ninguém jamais será. Diz Santo Agostinho que o nosso coração vive inquieto enquanto não repousa em Deus. Com que admirável verdade nos inquieta o bispo de Hipona! Bem sabia ele, por tanto ter experimentado o pecado e a virtude, a diferença que há entre um e outra, e que nem naquele nem por esta pode ser feliz o homem. A inquietação do pecador nasce do medo da perdição eterna, a inquietação do santo nasce da vontade de ver a Deus; a inquietação do pecador é fruto das suas culpas, a inquietação do santo é fruto das suas virtudes; a inquietação do pecador resulta

de não querer desapegar-se dos bens terrenos, a inquietação do santo resulta da ânsia de se libertar dos males deste mundo. Oh! quão longe desta virtude ando eu, que estando em perigo de morte no alto mar, e cuidando-me perto de me encontrar com o Pai que está no Céu, tomou-me um tal temor que parecia esperar-me a mais terrível das condenações e não um tão doce encontro. Vim mandado até vós, meus irmãos, um pouco como Jonas a Nínive.

Nunca recusei pregar a palavra do Senhor, e assim se poderia dizer que sou melhor que Jonas.

Mas, quando o mar embraveceu, o profeta rebelde quis ser lançado a ele para salvar os que estavam no barco; e eu, pobre pecador, dei à minha vida um valor tamanho qual se outras não houvesse ali senão a minha e não tivessem todas de salvar-se para me eu salvar também. Nem eu sou Jonas, nem vós sois ninivitas. E bem podeis dizer-me que, quem tão pouco está seguro de merecer a divina proteção, não merece ser acreditado no que prega. Que se abram, pois, vossos ouvidos, para que o entendimento da verdade seja coisa mais deles que da boca que a diz, pois esta indigna é, e temerosa, e como que muda, se comparada à perfeição a que Deus nos aconselha.

Nós já conhecemos Cristo e O confessamos por Senhor; nada de novo nos podes dizer, ó padre!

Tereis razão, talvez. Mas como O conheceis e como O confessais? Pelo que sabeis dele ou pelas obras que praticais? Ou não é verdade que podeis estar dispostos até a dar a vida por Cristo, e não cumprir a Sua vontade? Ninguém conheceu Cristo melhor que os Seus apóstolos. E quais deles O defenderam no julgamento de Caifás, de Herodes e de Pilatos? Onde estavam Bartolomeu e André e Filipe e outros seis dos que Ele mais amava? Escondidos com medo dos Judeus. E quem O acompanhou? João, porque era amigo do Sumo-sacerdote, e Pedro, levado por João, mas que O negou três vezes. E nem do mesmo João se ouviu uma palavra a testemunhar em seu favor! Como estaria angustiada a Sua alma, sem amigos, sem justiça, sem piedade à sua volta! Mas houve alguém que o defendeu, e sabeis quem? Aquele que o traiu e aquele que O condenou à morte!

Enlouqueceste, padre! Se nenhum de vós o diz, ao menos alguns certamente o terão pensado. Mas eu vos provarei que a pressa do vosso juízo vos engana. Pois enquanto nove apóstolos se escondiam longe do seu Mestre, um O seguia porque era conhecido do Sumo-sacerdote, mas em silêncio, e o outro que também O seguia negava-O três vezes. Dos doze, somente Judas, vendo que condenavam Jesus à morte, procurou os que queriam condená-lo, e se enfureceu contra eles.

Não vendera o Mestre para ser morto, e, tendo-lhes lançado o dinheiro da traição, foi enforcar-se.

Morreu por amor a Cristo, e de que lhe terá valido isso? Faltou-lhe nada mais que a esperança na misericórdia de Deus para ouvir de Jesus o que haveria de ouvir, pouco depois, o ladrão bom. E o segundo defensor de Cristo não foi outro senão Pilatos. Não quis ele convencer os sacerdotes de que não encontrava em Cristo culpa alguma? *Ergo nullam invenio in eo causam*. Não quis trocar por Ele um criminoso, dando à escolha o pior que estava preso, a ver se lhes comovia os corações ou lhes quebrava o ânimo sabendo eles quem seria solto? Quantas vezes nos é posto de um lado Cristo e do outro Barrabás! Quantas vezes nos é dado a escolher entre trinta dinheiros e a nossa alma! E nós, loucos, a ir ao pecado em vez da virtude; e nós, néscios, aos bens que passam em vez da segurança eterna!

Mas quando trocámos Cristo por Barrabás? Quando vendemos Cristo por trinta dinheiros? Muitos de vós, ou talvez todos, o estarão pensando e negando ao mesmo tempo. E eu vos respondo que talvez não todos, mas certamente alguns ou muitos de vós o fizestes já, e pior que isso. Pilatos permitiu que matassem Cristo, o que não quisera que fosse feito, e Judas entregou-O por tão vil preço, mas sem cuidar que O matavam. Nenhum deles, porém, calou as palavras do Mestre, que haviam sido ditas para permanecerem eternamente. Nenhum dos dois anulou uma só das ações com as quais Jesus provou que era Filho de Deus. Nenhum pôde calar a verdade, nem destruir a vida, nem mudar o caminho que, ouvida de Cristo, e sendo Cristo, e indo por Cristo, conduzem à eternidade. *Ego sum via, veritas et vita*. E que fazeis vós, quando fechais o coração à verdade, quando recusais a vida, quando fugis de andar pelo caminho da salvação? Fazeis mais que vender Cristo e mais até que matá-Lo. O que fazeis, cristãos, (e aqui vacilo em vos chamar cristãos) é tornar tão inútil a vida de Cristo como se Ele não tivesse vivido nunca. E é infinitamente pior não existir que viver não muito mais que trinta anos e morrer de morte tão injusta e terrível. Pois que, se os algozes que O mataram não puderam evitar a Sua ressurreição, vós o fazeis por não permitir que Cristo viva em vós.

Os atenienses, a quem S. Paulo chamou os mais religiosos dos homens (e isto ainda que adorassem muitos falsos deuses a quem devotamente

prestavam culto), tinham num altar vazio uma inscrição somente: *Agnosto Teo*, o que na língua dos Gregos é o mesmo que dizer na nossa:

Deus desconhecido. Davam, assim, por imperfeita ou incompleta a sua fé, e Deus lhes enviou Paulo paro os instruir em Cristo. Eles não sabiam nem o nome, nem o poder, nem a bondade do único Deus verdadeiro, do único Senhor e Criador do Universo, mas bem se dirá se se disser que, no fundo dos seus corações, O adoravam já. E quantos cristãos há que do seu Deus sabem pouco mais que o nome, não lhes importando conhecê-Lo e amá-Lo e adorá-Lo e obedecer-Lhe como convém à salvação das almas e à harmonia do Mundo! Que não seja este o vosso caso, nem que, sabendo que há um só Deus e Cristo é o Seu Verbo feito homem, nada mais vos sirva de sinal como cristãos. Sereis, se assim fordes, muito menos merecedores da salvação que os atenienses.

Santo Agostinho nos diz que podemos amar a Deus e fazer o que quisermos. De sorte que parece que temos aqui um santo, e um sábio, a dizer-nos o que basta para agradar a Deus, e servir o Diabo quando for caso que nos convenha. Pois se é possível amar Deus e fazer tudo o que se quer, não mais havemos de vigiar os maus instintos e os ruins impulsos. Mas quem há que, amando veramente alguém, lhe seja adverso? Debalde o procurais se o tentardes. Quem ama não ofende, e quem não ofende não peca. Assim que amar a Deus nos afasta do pecado, pois ninguém que O ame O ofende, na Sua Divina Pessoa ou na humana dos homens nossos irmãos. E aquilo que disse

Francisca de Rimini (que o seu amor a tinha posto no Inferno) é impossível repetir se o amor é entre nós e Deus, pois pelo amor a Deus ninguém se perde. Não podem perder-se os que O amam, nem podem perder-se outros por causa desse amor.

Seja que confessais a Cristo por Senhor. E, no mais, que terá a vossa vida de cristã? Se vos é pedido amor, e só vos defendeis com a fé; se vos são pedidas obras, e só respondeis com palavras; se vos é pedida a perfeição, e só vos desculpais com serdes homens. Deus julgará os gentios como gentios, e os cristãos como cristãos. E a todos julgará como justos ou pecadores. Não vos adianteis a ocupar os primeiros lugares, porque o Senhor do banquete pode fechar-vos a porta que não soubestes merecer que se vos abrisse. Porventura não devemos confiar na misericórdia de Deus?

Perguntais bem, mas eu vos desengano. E, ainda que vindo a vós um pouco como Jonas a Nínive, não vos anuncio um castigo do Senhor. Sois vós mesmos que vos castigais, se caminhais para a perdição eterna. E tão alegremente o fazeis, tão nesciamente e consentis, que nem vos dais conta do perigo em que estais. Mais vos valera então gozar a vida como vos aprouvesse, porque, perdidos que estais (e falo àqueles que o estão por não quererem emendar-se) de nada vos servem os poucos gozos a que vos não dais e as penitências que fazeis, para simular que sois cristãos.

Fora eu como vós (que sou pecador, mas Deus sabe quanto não quisera ser!) e não me preocuparia com rezas e devoções, com jejuns e abstinências nos dias de preceito. Nem viria ouvir um pregador a que não daria ouvidos. Só temos esta vida, que é fugaz, para ganhar a outra, que é eterna. Se duas vidas temos (a primeira, que tão depressa se acaba, e a outra, que é sem fim), ao menos uma haveria eu de gozar como melhor quisesse. Eu vos desengano, pois. Não confieis demasiado na misericórdia de Deus. Cuidais que sou herege, porque o digo? Cuidais que enlouqueci, porque o afirmo? Cuidais que sou ignorante das Escrituras porque estou seguro de que vos enganais com essa confiança? Ouvi o que está escrito no livro do Eclesiástico, e julgai-me depois. *Et ne dicas: Miseratio Domini magna est, multitudinis peccatorum meorum miserebitur*. Não digas: A misericórdia do Senhor é grande, Ele terá compaixão da multidão dos meus pecados.

Espanta-vos e assusta-vos que assim seja? Se não o sabíeis, deveríeis ao menos tê-lo imaginado.

Estais prevenidos pela Sagrada Escritura: *Initium sapientiae, timor Domine*. E se o temor de Deus é o princípio da mais alta sabedoria, da única e verdadeira e notável entre todas, ouvi ainda outro conselho do filho de Sirac, também ele com o nome santo de Jesus: *Ante obitum tuum operare justitiam, quoniam non est apud inferos invenire cibum*. É isto, meus irmãos, ou é esta a hora em que deveis praticar a justiça. Não a deixeis para depois da vossa morte, porque à sepultura não chega alimento a vossas almas. Ainda não confiais no que vos digo? Ainda vos não fiais de mim?

Ainda cuidais que vos espanto e assusto com o Inferno para vos fazer temerosos, como muitos pregadores gostam de fazer que o auditório seja, e é bom que o façam? Eu, porém, não vos quero temerosos, senão confiantes; não desesperados da eternidade, senão cheios de esperança nela; não desiludidos da vida, senão aborrecidos do pecado.

Que justiça haveis de praticar antes da morte? Não sabeis que justiça é essa e o que é ela? Eu vos ensino em um momento. Vedes aquele homem ou mulher que vive junto a vós? Vedes todos os homens, e mulheres, e crianças, e velhos, e enfermos que conheceis? Cuidai que cada um deles sois vós mesmos e tratai com eles como haveríeis de querer que eles, sendo vós e vós sendo eles, tratassem convosco. *Omnia ergo quaecumque vultus ut faciant vobis homines, et vos facite illis*.

Esta é a justiça. Esta é a única via para que Deus possa ser misericordioso convosco e perdoar a multidão dos vossos pecados. E que morte é essa antes da qual havereis de praticar a justiça?

Antes da morte do corpo, certamente. Mas eu vos admoesto mui seriamente que estejais alerta: fazei-o antes de outra morte mil vezes mil pior que ela. Muitos deixam para os dias em que estão desenganados da vida, e sabem já que vão morrer, todas as boas obras que deveriam ter feito em outro tempo. E dispõem em testamento tantos mil réis aos pobres, tantos cruzados a uma igreja, tantos moios de terra a um convento, tanto de esmolas para muitas missas por sua alma. Eu vos digo, porém: é tarde já. Se assim fazeis, ou se assim pensais fazer, tereis gozado a vida com tudo o que pudestes, e depois, quando nada vos fizer falta, o dareis para perdão do que pecastes. Sede vós os juízes, e julgai se isto é justiça ou se o camelo pode passar pelo buraco da agulha. Que disse o anjo S. Rafael a Tobias? *Bona est oratio cum jejunio*. Que é boa a oração com o jejum; e melhor é a esmola que os tesouros que se acumulam. *Et eleemosina magis quam tesaurari auri recondere*. Sendo Rafael um dos sete anjos que apresentam a Deus as orações dos crentes, sabia do que falava. E mais disse ainda acerca desse assunto*: quoniam eleemosina a morte liberat, et ipsa, quae purgat peccata, et facit inam*. Que a esmola limpa todos os pecados e livra da morte aquele que a pratica. Estas coisas se hão de fazer em vida, e quando se a crê ainda longa e a morte longe, e não quando a velhice já anuncia o fim que, sendo sempre incerto quanto ao tempo em que há de vir, é certo que na velhice em breve chegará. E jovem era Tobias a quem o anjo louvou o espírito de oração e caridade. Mas se ninguém pode livrar-se da morte, de que morte falava Rafael? Não de outra senão a da alma. Temos pois, cristãos, que a morte antes da qual haveis de praticar a justiça é a morte da alma. Mas acaso a alma morre? Para muitos melhor fora que morresse de morte verdadeira, ou que fossem seus corpos desalmados. Morre a alma quando os homens se acostumam tanto ao pecado que não querem ou não podem deixar de pecar. Morre a alma quando os homens pensam: gozarei a vida e deixarei para os últimos dos meus dias arrepender-me e fazer penitência. Essa alma, nem o mesmo Cristo, que ressuscitou Lázaro depois de sepultado durante quatro dias, poderá torná-la à vida. Lázaro, por estar morto, não podia opor-se à vontade de Deus, em caso de não querer ser ressuscitado, mas uma alma morta, num corpo vivo, ainda pensa, ainda tem vontade, e a sua vontade é não cumprir a vontade de Deus.

Fiat voluntas tua. Vós orais assim? Melhor vos fora dizer como Acaz: *Non petam et non tentabo Dominum*. Não pedirei, e não tentarei o Senhor. Pois se o fazeis, e não cumpris a vontade do Senhor, pecais gravemente cada vez que rezais o *Pater Noster*. Pecar rezando? E de que maneira!

Não será escarnecer de Deus pedir-lhe que se faça o que Ele quer, e fazer sempre o que se quer?

E se isso que quereis fazer e o fazeis é contrário à vontade do Senhor, não O tornais motivo de mofa em vossos lábios, por O invocardes como testemunha falsa que finja não saber quando pecais? Não haverá modo, pois, de alcançar a misericórdia de Deus? Os que têm a alma no estado de morte que venho dizendo desenganem-se, porque o não há. E se em algum de vós existe ódio no seu coração e se está disposto a sair daqui zeloso no seu ódio, o melhor que faz é que saia já.

De nada lhe serve ouvir a palavra de Deus que, se é um remédio para os pecadores arrependidos e uma consolação para os justos, é como o mais terrível dos venenos para os que teimam em persistir no seu pecado. Se ainda vos rege a antiga lei de que por olho é olho e por dente é dente, sois gentios e não cristãos. Atendei a isto muito seriamente: ou estais dispostos a perdoar e ser perdoados, ou vos arriscais à perdição eterna. E tornar-vos-eis ainda (o que é muito menos mas não é pouco) motivo de escárnio para os que conhecem o vosso ódio e sabem que ele não muda, porque, se não estais dispostos a mudar, sois falsos e mentirosos publicamente, fingindo devoção quando pertenceis à pior espécie de gente que há na Terra. Que cuidais que possa prometer-vos como justiça para esse ódio que não muda? Nada menos que a perdição eterna, como disse que era o risco em que vos encontrais.

Assim chegamos a um ponto em que estarei a parecer-me aos pregadores que gostam de tornar temeroso o auditório. E não terei palavras de esperança? Tenho-as, cristãos, mas por bom preço as vendo. Se quereis comprar bem, tereis que pagar bem; se quereis trocar por bom, tereis de dar em troca o que tiverdes de melhor. Esta é a lei com que comprais na Terra, não a cuideis mais branda para comprar no Céu, que é onde a maior e mais segura compra poderá ser feita. Dai-me a vossa alma arrependida, dai-me a vossa vida mudada toda, e eu vos dou em troca o Céu. Diz o Eclesiástico que quem compra coisas por

baixo preço acaba por pagá-las com sete vezes o seu valor. *Est qui multa redimat modico pretio, et restituens et in septuplum*. Eu vos digo que neste negócio dais muito pouco, ainda que eu vos tenha pedido muito. Pois vos pedi que mudeis de vida, o que pode ser penoso e mui difícil; mas o que adquiris em troca não vale sete vezes o que haveis de dar, vale infinitamente mais, porque estareis a dar um tempo, que é tão breve, em troca de outro tempo (que não é tempo porque é eternidade) que durará para sempre. Qual de vós não trocaria um fruto por árvore que muitos como ele produzisse em cada ano e por toda a sua vida? Bom negócio seria esse, mas em nada comparável àquele que vos proponho. Pois será vosso o Céu não pelo preço da vossa vida, mas pelo preço de mudar de vida; não pelo preço do que possuís, mas pelo preço do que vos não faz falta; não pelo preço do que sois, mas pelo preço do que não deveríeis ser. Com tal negócio garantido, tendo-o em conta Midas é mendigo; Salomão é Lázaro; a mais fina seda é parra; a mais bela púrpura é cinza. Mas por que não havemos de confiar demasiado na misericórdia de Deus? Porque, se imploramos a misericórdia do Senhor, pode bem ser que O queiramos tornar injusto. Implorai a misericórdia do Senhor e confiai nela, quando os vossos pecados forem coisa só havida entre vós e Ele. Olhai que tormentos passou Cristo: que pavor o seu até de suar sangue; que solidão entre as injustíssimas justiças deste mundo (de Anás para Caifás, de Caifás para Pilatos, de Pilatos para Herodes, de Herodes para Pilatos outra vez); que opróbrio ser trocado por um criminoso, que martírio o dos flagelos; que atrocidade a da coroa de espinhos; que escárnio o do manto que Lhe puseram em cima e a cana nas mãos como se não fosse rei e muito mais que isso; que penoso caminhar com a cruz, que nem pôde chegar com ela ao Calvário sem ajuda; que padecimento o dos cravos nas mãos e nos pés; que agonia medonha até à morte!

Tudo isso Lhe foi feito, e como acabou Cristo? Pedindo ao Pai que perdoasse aos que tamanho mal Lhe haviam feito. Blasfemastes, vacilastes na vossa fé, revoltou-se contra Deus o vosso coração?

Invejastes o alheio, encheu-vos a soberba pelo orgulho do que sois? Cedestes à gula sem que por isso outros passassem fome, ou venceu-vos a luxúria ainda que tenhais voto de castidade? Se estais arrependidos e com nenhum destes pecados provocastes escândalo público, confiai na misericórdia do Senhor. Mas se sois ladrões de bens ou de honra alheia? Se pedirdes a misericórdia de Deus para convosco, estareis a querer que Ele seja injusto para com aqueles que roubastes. Restituí primeiro a riqueza que não vos pertence, devolvei a honra difamada, e só então podereis confiar na misericórdia de Deus e, pedindo-a, ser ouvidos. E como pode um assassino esperar de Deus misericórdia? Se Deus lhe é misericordioso, não estará a ser injusto com o assassinado? Ah! e os juízes deste mundo! Quantas vezes julgam com tal rigor que mandam à forca quem não merecera mais que uns açoites, ou talvez nem isso! São mil vezes piores que o criminoso a quem a ira cegou por uns instantes! Não será pedir que Deus seja injusto ao esperar dele misericórdia para os seus crimes? Quantas vezes usam as leis para estar contra a Lei!

Quantas vezes se valem do julgamento, para estar contra a Justiça! Quantas vezes se sentam no tribunal para calcar a verdade a seus pés! É com esta rigorosíssima medida que serão julgados!

Eadem quippe mensura, qua mensito fueritis, remetietur vobis.

Estava Herodes no número daqueles por quem Jesus implorou: *Pater, dimitti illis non enim sciunt quid faciem*. Pai, perdoa-lhes, que não sabem o que fazem. Jesus não disse: perdoa alguns; disse: perdoa-lhes. (*Dimitti illis*.) A todos, cristãos. Mas lembrai-vos como foi impiedoso a julgar esse mesmo Herodes pelos seus outros crimes. E cuidareis que o maior de todos foi ter morto o Baptista, que era um santo. Pois eu vos digo: quando a ira vos dominar o coração, escolhei um santo para matar. Não seja o caso que, matando um pecador, lhe mates corpo e alma ao mesmo tempo. Pois que se o matas sem que possa arrepender-se e fazer penitência pelos seus pecados, a sua alma cairá no Inferno eternamente. E podes merecer o Céu, quando, por tua causa, haverá uma alma a penar para sempre? Esperar depois disto a misericórdia de Deus não será esperar também que seja injusto? Emendai-vos, corrigi a vossa vida, tornai-vos atentos à palavra do Senhor, para que não sejam tantos os vossos pecados até ao ponto de o mesmo Deus vos fechar o coração ao arrependimento, para não ser com uns injusto por ser convosco misericordioso.

Bem posso cuidar que pensais que não há diferença entre nenhuns pregadores, que todos pregam contra vós como se todos fôsseis incrédulos, luxuriosos, ladrões e assassinos. E eu acredito que é melhor pregar um só assunto, pois se muitos levanta o pregador muito se arrisca a confundir o auditório. E, se da variedade das flores fazem as abelhas um mel de uma só cor e um só sabor, e este melhor que outro que assim não fosse feito, à palavra do pregador se pede que seja exata e metódica e clara; que não a torne confusa, nem dispersa, nem obscura. Mas não vos prego senão o pecado, o qual, sendo uma ofensa a Deus, é múltiplo e variado e distinto, já na forma, já na gravidade, já na intenção de O ofender. E não quero mais que exortar vossos ouvidos, e o entendimento da vossa alma, a estarem atentos à palavra

de Deus, que é o único modo de vivermos em retidão e santidade. E isto, cristãos, é um assunto só e não muitos. Mas soubera eu quem são os luxuriosos, e haveria de chamá-los a eles e pregar sobre a luxúria; e, se conhecesse os ladrões, tendo-os todos juntos lhes pregaria sobre o sétimo mandamento; e, se percebesse quem foram ou virão a ser os assassinos, haveria, a eles com mais ninguém mas com a graça de Deus, de persuadir à mansidão; e, se tivesse a certeza de quais são, de entre vós, os mais descrentes, indo a eles sem estar com outros, lhes diria um sermão sobre a Fé. E os mais, cada um segundo a sua condição e, a cada condição, sua pregação. Porém a muitos haveria de pregar várias vezes, pois os pecadores costumam ser de várias espécies de pecados e não de uma somente. Assim é nossa mesquinha frouxidão: que, caindo em uma falta uma vez, as outras caídas depois dela vão-se tornando mais fáceis de acontecer. E de tal modo que, se lhe custara ao Demónio muito trabalho nosso primeiro pecado, dia virá em que ele já nem trate connosco, porque fazemos o nosso e o trabalho dele. E não prego contra vós, prego em favor daqueles contra quem exerceis vossas culpas. Ainda que só pareça acusar-vos, é a esses que defendo; ainda que só seja desagradável a vossos ouvidos, é para esses que peço a vossa compaixão, que é Justiça; ainda que só vos comparara com o Diabo, seria em Deus que vos quisera confiantes; ainda que só vos assustara com o Inferno, seria o Céu que vos dera por esperança.

Mas o pior pecado do nosso tempo, o mais medonho e injusto e terrível; aquele que mais ofende a Deus e prejudica homens feitos à Sua imagem e semelhança; aquele que mais é contra a mesma natureza humana, não é outro senão o vergonhoso comércio dos escravos; não é outro senão que haja gente tratada como qualquer irracional. Porém nenhum homem é comparável ao boi que tira pela carroça ou pelo arado, nem ao cavalo de montaria, nem a nenhuma besta de carga. E dos escravos se faz tudo isso, e por eles e com eles se conseguem fortunas que afrontam a Deus e à inteligência humana. E bem diria eu se dissesse que este crime é pior que matar por ódio, por vingança ou por ira. Podeis cuidar que me engano, que se for dado a escolher a um desgraçado escravo se quer ser morto ou continuar escravo, sobre escolher a liberdade sem vida, ele há de preferir a vida sem liberdade. Essa é a matéria do pecado, mas nem sempre a gravidade da ação depende da matéria dele senão da sua qualidade. E, se é grande e abominável crime encurtar os anos da vida de um homem contra a vontade de Deus, maior crime e mais abominável ainda é fazê-lo escravo e como tal o manter. Pois que a morte é o fim natural de todos os homens, enquanto pertence à sua natureza a liberdade. E é uma imagem feita à semelhança de Deus, que assim nos criou Ele, que reduzis a tão miserável servidão. Aos que entram neste iníquo comércio (invenção do Demónio, certamente, porque nem a pior das criaturas sem ser ele seria capaz de o ter imaginado), eu digo em nome de Deus: não tereis a vida eterna. Se vos atreveis a esperar o Céu, e tendes em casa ainda que seja o mais amado dos escravos, sois néscios.

Lá teria este padre de chegar a falar-nos dos escravos, estareis pensando. E eu vos lanço um desafio: suba um qualquer de vós a este púlpito, onde só deve ser pregada a palavra de Deus, que eu trocarei de lugar com ele. Venha um aqui, e cuide que é meu escravo e eu seu senhor, e com toda a liberdade diga o que entender que há de ser dito. Com que justa dureza de palavras, com que exata violência de impropérios, haveria esse, que a tal fosse capaz de atrever-se, de condenar-me!

Pois nenhum homem é menor aos olhos de Deus, nem menos digno de ser homem que qualquer de vós. Muitos se desculpam que, de outro modo, os infelizes que são feitos escravos em África ou no Brasil não seriam tornados cristãos, e assim salvam suas almas. E eu vos digo que, pela misericórdia de Deus, diferentes caminhos haveria que os levassem até às portas do Céu. Ou cuidais que os homens são mais bondosos, na sua impiedade, que Deus, na Sua infinita misericórdia? Pois que se salvem eles por serem cativos, que bem o merecem. E sabeis o que há de acontecer? Se cuidais que lhes garantis o Céu, hão de eles ocupar vossos lugares. Ouvistes o que cantaram, no desespero do cativeiro da Babilónia, os filhos de Sião:

Si oblitus ero tui, Jerusalem,
oblivioni detur dextera mea!
Adhaereat lingua mea fancibus meis
si non meminero tui.
Que a minha dextra seque se me esqueço de ti, Jerusalém; que a língua me fique presa ao paladar, se não me lembrar de ti! E que terrível e justa ira, meus irmãos, com que o salmista termina!
Filia Babilonis vastatrix: beatus qui rependit tibi mala quae
intulisti nobis!
Beatus qui apprehendit et allidit
parvulos tuos ad petram!

Devastadora filha de Babilónia: feliz o que te retribuir o mal que nos fizeste! Feliz o que agarrar e esmagar os teus filhos pequeninos contra uma pedra!

Se o povo santo de Deus se revoltava a tal ponto com os seus opressores, cuidais que esses desgraçados cativos, que só à força muitas vezes e com

grande ignorância são tornados cristãos, amam menos a sua pátria e a sua liberdade que aqueles? Não vos desculpa que o rei o consinta ou o mesmo papa o tolere. Pois que chegou a um tão lamentável estado a cristandade que não haveria fortunas, quais as que há em Portugal, se não fossem os escravos; e não seria de metade o número dos cristãos sacramentados se os senhores deles fossem todos excomungados como deveriam ser.

Mas nenhum pecado, por mais repetido que seja, pode mudar a lei do Senhor. Dia virá em que este abominável comércio há de acabar, ainda que tenha Deus de faltar à Sua palavra e mandar outro dilúvio, para que assim seja. Eu vos exorto, cristãos, a apressar o dia da misericórdia do Senhor, dando primeiro o exemplo de libertar vossos irmãos. Assim lhes consentis serem felizes nesta vida, por serem livres, e não sereis vós desgraçados na outra, por cativos do Demónio. Sabeis o que disse o apóstolo Jacob na sua epístola? *Ecce merces operariorum qui messuerunt regiones vestras, quae fraudata est a vobis, clamat, et clamor eorum in aures Domini sabaoth intraivit*. Defraudastes aqueles que ceifaram vossas searas, e o seu clamor chegou aos ouvidos do Senhor dos exércitos.

Isto diz o apóstolo a que chamamos Sant'Iago, e o diz de homens livres que não são retribuídos como lhes é devido. Isto o diz de ricos que contratam, mas recusam um salário justo, sabendo que quem contratam não tem aonde ir que mais receba. De que serve jejuar a quem não paga como deve? Porventura não será que mais valera ao injusto pagador comer e beber bem todos os dias, ainda que fosse sexta-feira da Paixão de Cristo, mas tendo os seus operários o que comer nos dias que não são de jejum nem abstinência, pois estes para eles o são o ano inteiro? Cuidais que não ter precisão de trabalhar é grande honra? Se Deus o deu por sentença aos homens, e se é sentença para cumprir nesta vida, e a não cumpris, quando havereis de a cumprir? Obrigais outros à parte que vos coubera de trabalho, e mais que isso lhes roubais o trabalho e a liberdade. Assim que pecais em dobro: por preguiça, que é pecado capital; e por furto, que é contrário à lei de Deus dada a Moisés. E tereis de multiplicar tantas vezes a segunda parte deste pecar quantos os homens a quem roubais o trabalho e a liberdade. Os que ajudam a manter o comércio dos escravos não o confessam certamente como pecado, assim como se não confessam de possuir casas e palácios e quintas e herdades e outras fazendas, tal se fosse tudo a mesma cousa. Mas se nenhum homem é uma cousa que outro homem deva possuir, ainda que bárbaro e gentio, muito menos o será alguém que já seja batizado e se tenha feito cristão. Irmãos meus eclesiásticos: gravíssima é a nossa culpa se absolvemos esta espécie tão ruim de pecadores. Bem sabeis que, ao dizer ego te absolvo, não falamos em nosso nome mas no de Deus. Se absolveis nestas condições, ego não será na vossa boca palavra usada como se o mesmo Deus falasse; e te absolvo torna-se responsabilidade vossa. O Senhor não perdoará o pecador que absolvestes e, se ele cuida que está absolvido e perdoado, não está nem perdoado nem absolvido; e permanecem em sua alma seus pecados, com mais esse, muito grave, de uma hipócrita e falsa confissão. As suas culpas cairão sobre vós mesmos, de maneira que, se confessais e absolveis cem pecadores como esse, as culpas dos cem pecadores pesarão como terrível carga em vossas almas. E bem nos bastam as nossas culpas, para que ainda tenhamos de responder pelas alheias sem lhas tirarmos a eles. Nesta matéria, não vos canseis nunca de pregar, de exortar, de admoestar, de insistir sempre oportuna e inoportunamente, e de amaldiçoar até. Não vos deu Deus o dom da palavra? Usai o do exemplo, que é mais forte. E vós todos, meus irmãos, que aqui me ouvis: dais-vos acaso ao gosto de saborear açúcar do Brasil? Tal doçura é um veneno para vossas almas, porque não só quem escraviza peca, e sem perdão de Deus, mas todos aqueles que ajudam a que esse negócio de morte seja proveitoso. Se adoçais a boca com açúcar, não é doce o que tomais, mas é fel, e verdadeiro e humano; e se o tendes posto em alguma bebida, o que bebeis é sangue.

Ah! meu Deus e Senhor meu! Abri os ouvidos aos que me ouvem, ou tornai-me mudo para não sofrer a aflição de falar sem ser ouvido, pois eu prego a multidões que não me escutam. Aqui me vedes, *vox clamantis in deserto*, como se não houvesse nunca auditório, nunca ouvidos, nunca almas, senão deserto e surdos e pedras brutas. João bradava no deserto, e abrandava o coração dos pecadores; João pregava em Vosso nome santo, e muitos ouvidos se lhe abriam; João proclamava que o Vosso reino havia de chegar, e até as pedras convertia em filhos de Abraão. Eu brado a pecadores, eu prego em Vosso nome, eu proclamo que viestes já. E o deserto permanece árido, os surdos não ouvem, as pedras não se comovem. Se é minha a culpa, seja Vossa a redenção, se é minha a indignidade, seja Vosso o mérito; se é minha a ignorância, seja Vossa a razão. Nada peço para mim, senão para os mais desgraçados dos Vossos filhos. E os mais desgraçados de Vossos filhos são antes os que me ouvem e não os que sofrem as suas iniquidades. E bem mais me dói o futuro eterno e tenebroso daqueles, que o presente efémero e desgraçado destes. Mas uns têm culpa e consciência de, por seu alvedrio, serem o que querem ser, e os outros são obrigados à força a serem o que nunca quiseram nem deveriam ser. Que tão grandes pecadores não mereçam a Vossa misericórdia, eu Vos concedo, Senhor; mas, se os não converteis, não livrais de suas cadeias quem eles atormentam; se não lhes moveis o coração para Vós, não dareis sossego a tantas vidas inocentes; se não os fazeis Vossos, os que padecem por sua causa não Vos perceberão nunca como

Senhor de misericórdia e de justiça. Quereis tão ruim fama entre os homens, Vós, Senhor meu, que sois justo e santo e misericordioso, e tudo isto em grau sem medida?

Sermões são palavras, que outra cousa não quer dizer sermão senão palavras. E se saís daqui, irmãos, já esquecidos delas, tereis perdido este pouco tempo vosso e talvez a vida toda. Não faz efeito o remédio que o doente, logo que o bebe, o devolve. Quisera eu ter a certeza de ter sido ouvido como se fosse o mesmo Cristo ou um Seu profeta, e vós todos Zaqueus e Madalenas. Ainda que eu seja indigno de ser profeta de Cristo, quanto mais a sua voz entre vós! Mas quem tem bons ouvidos para ouvir entende até o silêncio, que é de Deus mais que todas as palavras que há no Mundo. Pois talvez vos falte, cristãos, ter em silêncio a alma muitas vezes, porque os negócios e tentações deste mundo são o ruído infernal que vos distrai da Palavra de Deus e vos afasta do Verbo, que é Seu Filho feito homem.

In Nomine Domini, dixi..

As Duas Cruzes do Império – Memórias da Inquisição. Lisboa, Salamandra, 1999, pp. 103-126.

(http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/danielsa.htm**)**

Da política e seus desalentos (contados em jeito de carta a Fradique Mendes)

Meu caro Fradique

Estranharás certamente que te dirija esta carta, mas faço-o porque sofro da "loquacidade divagadora da nossa raça, que tanto mal nos tem feito nas letras e na causa pública", como claramente disseste naquela que escreveste a Manuel, filho da tua "boa prima Luísa". Uma outra razão é porque hoje, como no teu tempo, há coisas que tanto faz dizer a um morto como a um vivo, a uma personagem de ficção como a um homem de carne, osso e pouco mais.

Não me exijas muito e sê paciente. No teu exílio doirado em Paris, sabias da pátria e do mundo com uma lucidez palavrosa mas certeira, como as flechas de Guilherme Tell. E o que mudou por cá, nesse mais de século que vai do teu tempo ao meu, causar-te-ia um honesto espanto, mas não pela mudança e sim por tão pouco ter mudado. Os deputados continuam a falar para galerias sem gente, que, apesar disso, os ouvem quase tanto como as cadeiras vazias do parlamento. Aqueles extremosos defensores da grei, que o são nas intenções juradas em campanha mais que nas ações consumadas em S. Bento, exibem

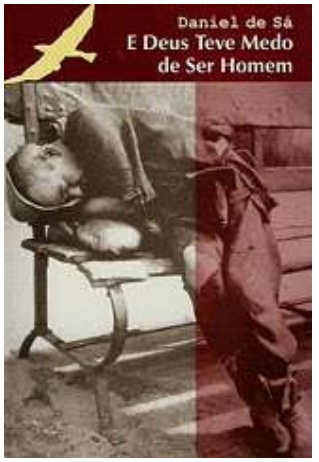
ainda, por inépcia, conveniência ou comodismo, a mesma vacuidade a que poucos escapam.

Fosse o número de deputados dependente da quantidade de votos postos nas urnas, e não da totalidade de eleitores que jazem nos cadernos eleitorais, e já então se empenhariam por cativar pela verdade e pela ação mais do que pela promessa de paraísos e pela má-língua contra todos os que não são do mesmo rebanho. Porque, meu caro Fradique, que há de concluir o povo ao ouvir cada partido desfazer a honra de todos os outros? Que, se quem acusa diz a verdade, nenhum deles é recomendável, e, portanto, nenhuns devem ser eleitos; ou que, se os outros partidos são honestos, mente o pregador, e, por isso, não merece ele mesmo a cruzinha eleitoral.

Imagina tu que os nossos gloriosos deputados debatem ingloriamente há muitos meses, ou se debatem na angústia de se desentenderem, quem há de ser o próximo Provedor de Justiça. Que nome, que perfil, que partido, deverá ter ou não ter o senhor que se seguirá a Nascimento Rodrigues que, com paciência de Job, tem sido o portador da cruz para que não encontram ombros que a todos agradem, e de que ele já deveria ter sido aliviado há muito tempo e não agora por demissão voluntária? E julgas tu que tanto prolongam a decisão, e que é tão difícil a penosa empresa, porque cada um pensa pela sua cabeça? Ainda se o fosse… Mas não é, meu caro Fradique. Como guerreiros embriagados pela ambição de um só general, todos os nossos deputados obedecem à vontade de um chefe ou dois, que por vezes é uma porque a dos contrários é outra, ou então é esta porque a dos rivais é aquela.

Zelosos se mostram eles de vez em quando. E o seu zelo tanto mais se nota quanto mais perto está uma eleição qualquer, como vai sendo o caso por estes dias. Eis por que razão uns deputados que representam os Açores se insurgiram, e requereram explicação para o transporte que uma corveta concedeu, entre a Graciosa e S. Jorge, a um grupo de deputados de um partido oposto ao seu ou a que por regra se opõem. Fez a corveta de propósito uma viagem para lhes facultar a ida? Mudou ela de rumo para tocar no porto onde os recebeu ou naquele onde os deixou? Constava esse percurso do plano inicial da viagem?

Às três perguntas te darei três respostas, duas de que não e a terceira de que sim. Ora se o navio não fez adrede uma viagem para o caso, se não mudou de rumo, se o percurso previsto de porto a porto era aquele e não outro, que inconveniente ou desperdício para a Nação representou este contestado transporte de uma corveta onde não faltam marinheiros que têm arriscado a própria vida para salvar a de outros, o que dos tais deputados já deveria ter merecido um voto de louvor bem merecido? Provavelmente, meu caro Fradique, apenas o gasto a mais de uns poucos hectogramas de combustível. Mas, se os transportados fossem do partido dos requerentes, sem dúvida não seria posta a consideração superior a sua dúvida angustiada. Talvez porque eles estejam convencidos de que, nos seus correligionários, os corpos pesam tão pouco como as ideias.



Carta de Eça a Fradique Mendes acerca das reformas sociais em Portugal (FICÇÃO)

Meu caro Fradique: certamente estarás lembrado da aposta que fizeste no Martinho. Por conta disso acabas de perder uma garrafa do melhor cognac, que convém não esqueças na próxima vez que vieres a Lisboa. Teimaste, e tanto teimaste que apostaste, que o António e o João não se casariam nunca. Pois acabam de se casar. Com quem, quererás saber de pronto. Sossega, que eu não te deixarei por muito tempo a coçar a pulga. Se é voz do povo que não há João sem a sua Joana, do mesmo modo se dirá que há sempre uma Antónia para um qualquer António.

A maravilha maior, meu caro, o espanto, a anormalidade, o pasmo é que a Joana deste João se chama António e a Antónia deste António é de sua graça João. Sim, casaram-se um com o outro. Como? De fraque e flor na lapela.

Razão para muito folgar como nem sequer imaginas, porque uma primeira vez é sempre ocasião solene, tanto importando tratar-se de fruta temporã como de baile de debutantes. E este casório foi, no género, uma estreia em Portugal.

Pouco me importa a moralidade, ou falta dela, por que se irão juntando eles com eles e elas com elas. Desdenho desses julgamentos alheios, e é para mim indiferente que tal nova forma de acasalamento tenha o "placet" do Estado ou a "excommunione" de Roma, a quem, neste ponto, me vejo tentado a dar razão.

O que me fere o sentimento é o não cuidar, ou mal cuidar, da Língua Portuguesa, que sempre foi feita pelo povo e pelos escritores de livros e jornais. Mas, enquanto as suas mudanças foram demorando séculos a acontecer, agora, de um dia para o outro, as Cortes decretaram a extinção do significado de uma das nossas palavras mais respeitáveis. Porque suas excelências não inventaram um sacramento profano, apenas deram, por decreto, um significado novo ao substantivo casamento.

Meu estimado amigo, não sou de rezas nem de beatices, bem sabes, mas julgo que um pouco de Deus não faria mal a esta gente, embora tenha a convicção de que um descrente, sendo culto e educado, pode ser um cidadão tão exemplar como o mais santo dos santos. O pior foi este governo ter-se tornado ateu antes de ser culto e educado. Se fosse culto, não julgaria que escrever leis é governar; se fosse educado, não se arrogaria o direito de fazer dos corredores do poder uma imensa e lamentável Travessa do Fala-Só.

E já consta nos círculos de má-língua lisboeta - os do costume - que o presidente do ministério, que defendeu em pessoa a lei nas Cortes, prepara uma lei em que seja reconhecido o direito de quem quiser se casar consigo mesmo. A isso se há de chamar casamento unipessoal.

Disse Michelet, referindo-se àquele vendaval ético que é o Antero: "Se em Portugal restam quatro ou cinco homens como o autor das Odes Modernas, Portugal continua a ser um grande país vivo." A desgraça, Fradique, é que, tal como Abraão não encontrou em Sodoma dez justos que aplacassem a ira divina, nem com lanterna à luz do meio-dia o bom do Michelet contaria entre nós metade disso. A que se deve este despautério, esta tontice engalanada, este deserto de ideias num governo tão cheio de cabeças? Acusa-se Lisboa de ser a culpada dos males do país, mas que é Lisboa ou quem é Lisboa?

Lisboa é a província à procura de um lugar ao sol. Não há contabilista de Trás-os-Montes que não sonhe com uma carreira na capital, se possível chegando a ministro e talvez bancário. Não há regedor do Algarve que não sofra o desvario de julgar que um dia pode ser presidente do ministério. Nem há poeta de aldeia que não teime em chegar a bardo, de bebedeira e rima, nas tabernas de bairro e nas redações dos jornais de Lisboa. A única condição é haver quem os promova. O resto é o trivial nestes avatares da vida. Porque, em Lisboa, primeiro se faz o nome e depois a obra.

É certo que da maior parte desta gente se poderia dizer o que disseste do comendador Pinho em carta a Madame de Jouarre "É o comendador Pinho um cidadão inútil? Não, certamente. Dum Pinho nunca pode sair ideia ou ato, afirmação ou negação que desmanche a paz do Estado." O pior, meu caro Fradique, é que há Pinhos desses que sobem à glória efémera de se julgarem o Estado.

A TERRA PERMITIDA
Capítulo I

Se as penas do amor viessem antes do seu gozo, ninguém decerto amaria nunca. E, se as dores de dar à luz acontecessem no ato de conceber um filho, dificilmente se acharia uma mulher disposta a permitir a sementeira da vida no solo fértil do seu seio. Fortes razões teve, pois, a Natureza, para fazer as coisas como foram feitas.

Bem haviam advertido seriamente algumas vozes da Igreja que as moças solteiras, por defesa do seu recato e pureza das suas almas, não acompanhassem os rapazes aos matos nem fossem sozinhas aos moinhos. Mas essa maternal recomendação, mal cumprida no tempo em que foi escrita e proclamada várias vezes, estava esquecida já, talvez descuidados os pastores de renovar tais conselhos às ovelhinhas mais incautas dos seus rebanhos.

Elvira ia, assim, desprevenida de penas desta ou da outra vida, aos matos ou ao moinho, que os santos avisos tinham mais de um século e não lhe dava cuidado pensar muito em virtudes que, na sua idade e pela sua condição, eram difíceis de guardar. Do mato voltou sempre igual a como ia, mas na solidão do moinho teve o seu amor de perdição. Se é que amor se podia chamar àquilo, o moleiro na sua ardência juvenil, ela com pouco entusiasmo conformada, porque ele lhe moía o alqueire de milho sem descontar a maquia devida pelo seu trabalho. E mais pudera, se ao menos essa pequena graça lhe não fizesse!...

Habituada a muitas fornadas, a mãe logo notara, na primeira vez, farinha a mais. Admirada, perguntou a Elvira:

– O moleiro esqueceu-se de maquiar o nosso milho?

Bem bom que os pulos do coração não se notam, se não se leva o ouvido ao peito ou a mão ao pulso, e assim escapou de deixar a descoberto uma clara aparência de que escondia alguma culpa muito grave.

– Não senhora, como a gente são pobres, ele teve pena e não maquiou.

Depois de tendidos os seis pães pela tigela de loiça da Vila, não ficou no fundo do alguidar apenas aquele resto com que fazia o brindeiro do costume, mas massa que deu para um pão pequeno. E, tendendo esse pão da maquia a mais, sem mal cuidar no que ouvira, levantou os olhos para o teto negro do fumo de muitas cozeduras e da lareira acesa quase todo o dia, e com esse olhar era como se, por entre as traves escuras e o forro ralo que deixava a descoberto as telhas da mesma cor, quisesse ver um pouco de azul no céu da Terra, que é para onde se olha quando se invoca o Céu divino. E exclamou, como que numa jaculatória de ação de graças:

– Ainda há gente boa neste mundo!...

Quando nas outras casas talvez o pão faltasse já, Elvira tinha ainda coisa que dava para remediar a fome dela, da mãe e dos quatro irmãos.

Por ser a mais velha, cabiam-lhe os trabalhos a fazer longe, porque abaixo vinham duas irmãs e só depois, com sete anos apenas, o único macho da família. Por isso ia ao mato por lenha – quase sempre fugindo ao rigor dos vigias, porque poucas vezes se achava alma caridosa que desse uns gravetos ao menos – ou à ribeira do Calhau lavar a roupa como as mulheres casadas, ou ao moinho, para poupar a meia maquia devida pelo transporte do grão no lombo das bestas do moleiro.

O pai morrera de fome, ou dos maus tratos dela, porque muitos anos a pouco mais do que pão de milho e pimenta, com algum chicharro de vez em quando, não aguentaram com força e com vida os braços do cavador que fora, até lhe dar em tossir e escarrar sangue. De nada lhe valeu comer muito agrião cru e beber espuma de sopa de caracóis acabados de apanhar, porque alimentar-lhe o corpo a carne de vaca, ovos e leite era coisa que nem pensar.

A mãe já lhe chorava a morte mais que certa, quando teve que fazer pela vida e ganhar como podia ou como queriam pagar-lhe. E louvava a Deus e aos homens por esse pouco, embora não ficasse atrás de nenhum a amarrar vinha, a semear, a sachar e em tantos outros serviços em que importava mais o jeito do que a força. Secou as lágrimas pelo defunto, ao sol de julho, ceifando.

Quando a lua pepineira lhe levou o primeiro filho, não faltaram as vozes de conforto. “É mais um anjinho para o Céu.” “Menos uma boca para passar fome.” Pois era... Mas tinha dois bracinhos que podiam enrijar e ganhar algum sustento. Nem ela mesma pudera imaginar quanta falta haviam de fazer-lhe esses dois braços que não chegaram a crescer. Fosse Deus louvado e feita sempre a Sua vontade. Ainda que não percebesse como poderia louvar-se Deus por tão grande e outras penas, às vezes choradas com lágrimas também de raiva.

Quando Elvira percebeu que ia ter um filho numa idade de ter irmãos somente, não pensou que o Mundo se acabasse por causa disso, mas que se acabaria o seu mundo. Iria morrer de vergonha, matava-a a mãe, matavam-na as más-línguas – e todas tinham razão nessa morte, que deveria ser quase como morrer deveras. Só podia salvá-la o amigo, ou amante, ou namorado, fosse lá o que fosse que era para ela o moleiro.

Com muita ansiedade e muito medo esperou o dia de levar a saca com o grão para moer, três noites seguidas em que mal pregou olho, três dias em que mal provou bocado de pão. E a mãe aflita, a julgá-la doente – “não me morras, como teu pai, que fico sem ninguém que me valha” -, e ela feita vítima e carrasco de si mesma, sem entender sequer se tudo acontecera por desejo seu também, se apenas pela miséria de poupar uma maquia.

Batia-lhe o coração numa galopada louca, nem que tivesse vindo a correr com a carga às costas saltando pedregulhos e valados. Ele ficou tão contente de a ver que se lhe acalmaram um pouco o medo e a ansiedade. O rapaz mostrou-se logo disposto ao que já se ia tornando um costume, mas, vendo-a naquela tristeza assustada, perguntou-lhe a causa dela.

– Vou ter um filho, José!...

O moleiro fez uma cara de espanto, e afastou-se dela como se a visse com lepra. Ficou calado, de susto, que não seria muito maior, na aparência, se o próprio Diabo acabasse de lhe surgir na frente.

– E que tenho eu a ver com isso?..

Ter-se-ia passado meia hora, uma hora, desde que Elvira revelara a terrível novidade, ou o tempo a partir de agora iria demorar tanto a passar como aquele minuto, talvez menos, em que ficara à espera de resposta. E que resposta!...que era já uma condenação à morte em vida. Que havia de dizer? Como havia de dizer o que tinha de dizer? Onde lhe estava a saliva que lhe soltasse a língua e os lábios, secos, secos, como pedaços de barro em agosto? E o coração pedra viva... Disse:

– José, tens de casar comigo!...

À espera, outra vez. Ele agora com um ar de ódio, que a assustou ainda mais.

– Casar contigo?!... Sei lá quem te fez isso! Andas por todo o lado, como uma cabra!...

De repente, o medo fez-se raiva.

– Não sabes?!... Sou uma cabra, seu estupor?... Não sabes que fizeste de mim o que quiseste? Eu mato-te, excomungado!

Atirou-se a ele com a fúria de uma alcateia que defendesse as ninhadas. Tentou bater-lhe na cara, arranhá-lo, mordê-lo, enquanto o rapaz, com a cobardia da culpa, se defendia com pouco êxito. Quando, por fim, conseguiu pegar-lhe nos pulsos e dominá-la, disse:

– Não grites, que ainda te ouvem!

Ela mordeu-lhe a mão direita com tanta força que sentiu o sangue nos dentes.

– Maldita! – Foi o grito de dor e, logo em seguida, uma bofetada.

Elvira abaixou-se, pegou numa pedra e atirou-lha. Falhou o alvo por pouco, e a pedra foi cair longe, rolando pela encosta. Tentou pegar noutra, mas ele saltou-lhe para cima e imobilizou-a no chão. E falou-lhe ao ouvido:

– Não chores. Desculpa. Fiquei fora de mim. Não esperava uma coisa dessas. Eu gosto muito de ti.

Elvira percebeu que o contacto do seu corpo excitava o rapaz. E não sabia se a verdade era a de antes se a de agora. Perguntou:

– Casas comigo, José?

Ele respondeu que sim.

– Olha que o senhor padre diz que está na Bíblia que um homem tem de casar com a mulher com quem fez o que fizeste comigo.

– Deus me mate, se eu não casar contigo!

Pela primeira vez, Elvira sentiu também desejo verdadeiro. Ficara mais calma com a promessa do rapaz. E não podia acontecer mal que não estivesse feito já.

– Vamos para o moinho, que alguém pode ver-nos.

Passou a semana ainda em sobressaltos noturnos e ansiedade constante durante a vigília, mas agora com alguma esperança. O pior seria quando tivesse de contar tudo à mãe. Havia de pedir a José que mandasse o pai falar com ela, talvez primeiro dizer-lhe que o filho queria casar, que gostava muito da filha. Depois, a pouco e pouco, haviam de prepará-la para o ruim da notícia. Sabia Deus com que fúria a mãe iria reagir, mas pior, muito pior, seria se José não quisesse casar, se a tivesse enganado. Não podia fazê-lo, não lhe faria nunca uma desfeita dessas, que a desgraçaria para o resto da vida.

Desgraçou-a... Devia casamento a uma prima, tanto como a ela e havia mais tempo ainda. Quando Elvira soube disso, pela boca da própria mãe, que lhe deu a novidade e jurou ser capaz de a matar, ou a qualquer das irmãs, se lhe acontecesse uma desgraça semelhante, fugiu para casa da tia Ascensão, a única que poderia valer-lhe e talvez compreendê-la. Era a tia mais velha da mãe, e vivia sozinha, abandonada desde os vinte anos pelo marido, que a deixara com um filho de meses e fora procurar fortuna no Brasil. A tia não soube sequer se ele chegara vivo ao destino, porque nunca teve notícias suas. Viveu necessitada de pão e de afeto, o que lhe custou a vergonha de mais um filho. Acabaram ambos por emigrar para a América, terra também de esquecimento, mas que só o foi para o filho legítimo, talvez envergonhado dos passos mal dados da mãe. O outro escrevia regularmente e mandava algum dinheiro.

Elvira só havia de voltar a ver a mãe, que nunca lhe perdoou, no dia da sua morte. Quanto à filha, que no batismo recebeu o nome de Helena, não chegaria a ver nem mãe nem avó, nem cor ou coisa nenhuma, porque nasceu cega, o que ninguém percebeu nos primeiros tempos, porque não se notava

defeito nos seus olhos escuros, quase negros. Castigo de Deus, acusava-se, que assim mostrava o Seu poder na inocente criatura, como escarmento para todas as possíveis pecadoras desta vida de enganos.

Acabando-se dez anos de casamento, morreu a mulher do pai da sua filha. Elvira ficara a viver em casa da tia, de quem cuidou até à hora da morte, e que lhe deixou aquele teto para ter onde abrigar-se. Uns meses depois do início da sua viuvez, com cinco filhos divididos por este mundo e o outro – três cá e dois lá -, José foi rogar-lhe, pelo amor de Deus, que casasse com ele. Negou-se-lhe com desprezo, senhora do seu triunfo ao fim de tanto tempo. "Aqueles pequenos não têm quem cuide deles..." Finalmente, a pedrada atingira o alvo.

Um trovador na corte de D. Sancho

Estava um dia D. Sancho I no seu lazer de rei em tempo de tréguas ou de pausa nas lutas contra os mouros, descansando de dar despacho a petições variadas, sentenças justas ou requeridas por malquerenças e falsos testemunhos, ou num intervalo de promulgar leis gerais e conceder novos foros a povoados da fronteira incerta entre Portugal, Leão e Castela, ou da raia mutável que separava os portugueses da moirama, que ora subia ora descia como o fluxo e o refluxo de uma maré rubra.

Deleitava-se el-rei a escutar de alguns dos seus jograis protegidos cantigas de amor ou de amigo, e estas bem se sabe que de amor eram também, tentação a que ele mesmo não resistiu, pois terá poetado em honra da sua amada D. Maria Pais Ribeiro, a tal que desesperava porque muito lhe tardava o seu amigo na Guarda, e de outras talvez de que a gente nunca ouviu falar.

Não estaria presente a dita amante, mais conhecida como "Ribeirinha" por carinhoso diminutivo do talvez honrado apelido, mas sim D. Maria Aires de Fornelos, que merecia os reais favores, ou aos reais desejos os concedia, não faltando na corte quem julgasse que mais razões havia que levassem um homem a arriscar por esta a alma do que pela outra. Um dos que assim o entendiam era D. Rodrigo de Aguilar, que mal disfarçava, mesmo perante el-rei, a paixão a que o obrigava o pensamento posto sem descanso em D. Maria Aires. Terminada a sessão de canto, D. Sancho, mais para atormentar o modesto rival do que para apoucá-lo, se é que pior do que apoucar não é reavivar uma ferida sempre aberta, olhando para a amada de ambos que só a ele pertencia, disse a D. Rodrigo: "Vós non sabedes amar, / Don Rodrigo d'Aguilar."

Na resposta pronta do trovador se percebe que entre os dois havia uma confiança que permitia ao vassalo não temer represálias das reais e ciumentas iras: "Quitad'o manto real, / e veeremos a qual." E isto terá dito fixando em D. Maria Aires um olhar de amor sem esperança, que é aquela espécie de amor que parece ainda mais forte do que todas as outras.

Deste D. Rodrigo não consta em nenhum cancioneiro trova alguma da sua autoria, e esta rima de ocasião não basta para avaliar o talento que talvez tivesse. Mas, por feliz acaso, alguém achou, entre o espólio da Ordem Militar de Évora, cópia do século XII de uma sua cantiga de amor, sem dúvida dedicada a D. Maria Aires de Fornelos, e que poderia tê-lo posto em maior perigo do que as espadeiradas dos mouros, se não se desse o caso de ser consigo muito complacente o segundo rei que em Portugal houve.

Como este não é nenhum trabalho de tese nem de outro qualquer compromisso académico, desses que nos quebram o ritmo e o gosto da leitura com referências constantes aos doutores de quem se leu o que se diz para se mostrar que se sabe (como se ler e ficar a saber fossem sempre a mesma coisa), não cito as fontes do que vou dizendo, ainda que tal me faça correr o risco de ser acusado de inventar o trovador e a sua cantiga, como se eu não escrevesse com as palavras que hoje se usam, o que vai ficando provado ser mentira, e vivesse ainda no tempo em que se dizia "ar" e não "outra vez", "non cuido ren" que agora seria "não penso em mais nada", ou " voda vosco non pon" que poderia trocar-se por "não combina boda convosco", "sodes" e não "sois", "ca" em lugar de "porque", e outras mais diferenças, que facilmente se percebem quais, sendo a pior mudança a de que "senhor" (que valia para "senhora" também e, para desgraça dos poetas e outros amantes, há muito já não rima com "amor", pois vão

mudados os tempos quanto a Língua). E não era ainda costume dar ao verbo haver o seu justo "agá", o que, por ignorância e não arcaica cultura, é descuido de alguns agora que não tratam as palavras como deviam.

A maior temeridade de D. Rodrigo fora dedicar a D. Maria Pais esta sua cantiga:

Ai fremosa senhor,
Por vos aver amor,
Que mal ei eu?

Sen vós non cuido ren,
Ei mal por querer ben.
Que mal ei eu?

Per vostr'amor perfia
Tomei eu en mal dia.
Que mal ei eu?

Non sodes d'amor migo
Ca avedes amigo.
Que mal ei eu?

El sol vos quer amar,
Non vos quer en'altar.
Que mal ei eu?

Voda vosco non pon,
Sabedes sa razon.
Que mal ei eu?

En'altar non verei
A frol a qu'amor ei.
Que mal ei eu?

Senhor, non direi ar
Qu'assi vos quix amar.
Que mal ei eu?

Este trovador era natural de Aguilar de Campoo, um velho burgo visigótico que conserva ainda o ancestral nome, depois de ter sido despovoado de cristãos pela conquista agarena do ano 820 da nossa era, desconhecendo-se como veio a entrar na amizade de D. Sancho.

Sabe-se, porém, com alguma segurança, que não seria de nenhuma das fidalgas famílias de apelido Aguilar, mas que assim ficaria conhecido em Portugal por ter sido nascido e batizado nessa vila, quase ninho de águias, perto de Peña-Aguilón, que lhe deu o nome já dito de Aguilar de Campoo, lá para as bandas de Palência, no reino de Leão. Perto, também, de onde na verdade esta nossa pátria nasceu, porque não começou a ser feita em Guimarães ou nas batalhas de S. Mamede ou de Cerneja, mas na Cova de Santa Maria, onde se acoitaram Pelágio e os seus valentes para, saindo dali, derrotar os sarracenos, primeiro na refrega que houve nome de Covadonga, depois em outras com que se continuou a desforra do desastre de Guadalete.

E as aventuras do Viriato português sempre foram história mal contada, tanto mais que os espanhóis também o querem seu e ele talvez nem sequer tenha posto nunca os pés na Lusitânia que hoje é portuguesa, muito menos nos Montes Hermínios, que foram, isso sim, o último espaço da Celtibéria que os temíveis "hastati", tal como os outros legionários, pisaram com os seus botins.

Quanto a ser Rodrigo, tê-lo-á sido por homenagem ao Cid Campeador, D. Rodrigo Diaz de Bivar, essa espécie do nosso Geraldo Geraldes Sem Pavor, que conquistou Valência e concedeu largos benefícios ao mosteiro de Santa Maria Real, de Aguilar de Campoo, talvez na esperança de que ali boas almas se penitenciassem pelos seus pecados de guerreiro, ainda que fosse magnânimo com os vencidos, como provou ao poupar vidas e bens dos muçulmanos da dita cidade de Valência.

Por um desses estranhos caminhos que o destino toma às vezes, foi quando D. Sancho quis dar D. Maria Aires em casamento a D. Rodrigo que a amizade entre os dois se mudou muito. Sabendo el-rei que a amante ia ser mãe, e temendo desavenças na partilha ou sucessão do reino, que tantas mais seriam quantos mais os presumíveis herdeiros, propôs a D. Rodrigo de Aguilar que a desposasse, fazendo-se pai de um filho que não era seu. O trovador, com um orgulho maior do que a paixão, terá respondido o que, em linguagem de hoje, poderia ser dito assim: "Restos, nem da mesa de el-rei, muito menos da sua cama."

Mas bom serviço teria prestado ao reino se aceitasse tal proposta, que fazia lembrar um pouco a intenção de David, quando tentou Urias a dormir em sua

casa com a esposa Betsabé, para que esta não fosse acusada de adultério e apedrejada, o que era mandado na Lei, pois que a ele, por ser rei, decerto ninguém se atreveria a atirar a primeira nem outras pedras. Como Urias fizera voto, comum nesse tempo, de não se juntar à mulher enquanto estivesse em guerra, David não teve outra solução, para salvar Betsabé, senão fazer que o general enganado morresse em combate e, assim, desposando a amante, salvou-lhe a vida embora não a honra dela nem a sua própria. E esse bom serviço que D. Rodrigo teria prestado ao reino seria por o livrar das duras penas que Afonso II sofreria por causa desse irmão, D. Martin Sanches, que se aliou aos reinos de Leão e Galiza e, se bem combateu por eles contra os mouros, não com menos êxito o fez contra os portugueses.

Por imposição real ou por vontade própria, D. Rodrigo entrou depois na Ordem Militar de Évora, criada por D. Sancho para defender o Sul de Portugal, que ia crescendo ou diminuindo conforme a força ou a fraqueza das espadas. Esteve na conquista de Silves, e aí ficou com muitos outros da sua Ordem, depois de expulsos os mouros com vida mas sem nenhuns bens, porque os cruzados flamengos, que vinham mais a enriquecer roubando os mortos do que a aumentar o reino de Deus convertendo os vivos, tinham querido matá-los todos, o que D. Sancho impediu, não conseguindo convencer os seus aliados nórdicos a mais do que deixar ir em paz os vencidos somente com as piores vestes que tivessem. Mal não retribuíram os sarracenos dois anos mais tarde esse tratamento, pois que, reconquistada a cidade, todos os cristãos foram respeitados, quer ficassem em Silves ou a deixassem, como foi o caso de D. Rodrigo, que voltou a Évora, sabendo-se que ainda lá estava quando todo o Portugal além do Tejo voltou a ser dos muçulmanos, com exceção para aquela cidade, porque era de fortes muralhas e defendida por forte gente, e também porque lhes interessava ir a ela comerciar em paz com os cristãos e estes com eles.

As rosas de Granada

Eu choro as rosas de Granada.
O seu perfume fluía pelas congostas,
Subia até às neves de Yabal Sulayr,
E só se detinha no jardim da minha amada.
Perto dela nenhuma flor abria,
Porque ela era pétala e perfume,
Vida, ar e luz.
Quantas vezes hei de chorar-te, Granada?
Diz-me quantas,
E eu saberei quantas noites viverei ainda.

No oásis de Wadi-As

A minha amada descansava debaixo da tamareira grande,
Quando o Sol a cobria de sombra na luz vertical do meio-dia.
Todas as aves conheciam o caminho perfumado pelos seus pés
E alimentavam-se da fragrância que, descalços, eles deixavam na passagem.
Depois partiam para o Norte sem mais alimento do que esse etéreo,
Improvável odor a rosas de Andaluzia guardado na memória das suas passadas.

No oásis de Wadi-As,
Onde a chuva a dissolveu de mim.

Odeio a chuva

Todos se alegram quando a chuva chega,
Mas eu odeio-a porque muito amo.
Só na refulgência do sol é possível a miragem,
E só na miragem surge o oásis de Wadi-As.
É então que a minha amada caminha entre as tamareiras
E descansa à sombra da mais alta.
Sei que ela não é mais que essa miragem,
Que não há tamareiras em Wadi-As,
Mas, a quem não resta mais que ser enganado,
Até a mais falsa das miragens o conforta.
Quando a chuva chega,
Devolve a minha amada à terra de seus pais.

Nos jardins do Generalife

Como são tristes as rosas do Generalife!
Não têm o perfume da minha amada,
Como são tristes as rosas!
Como são inúteis as suas fontes!

Não bebe nelas a boca da minha amada,
Como são inúteis as fontes!
Como é turva a água nos seus jardins!
Porque não se banha nelas a minha amada,
Como é turva a água!
Como é nítido o sol nas suas flores!
Porque não passeia entre elas a minha amada,
Como é nítido o sol!
Como é mudo o silêncio dentro dos seus muros!
Porque não se ouve a voz da minha amada,
Como é mudo o silêncio!

No vale do Wadi-As

Durante a noite os anjos tinham polido
As neves de Sulayr,
Que brilhavam sob o sol do meio-dia.
O espelho das águas do degelo viajava no Wadi-As
A caminho do mar.
Uma borboleta amarela poisou brevemente
No ombro da minha amada.
Ela exclamou: “Como tudo é belo!”
Eu disse: “Quero que vejas toda a beleza do mundo.”
Sorrindo, respondeu-me:
“Ainda que vivesse mil anos, não poderia.”
Mas eu apenas lhe pedi: “Contempla-te no rio.”

Durante o cerco de Granada

Eu partirei chorando as rosas de Granada,
E muito hei de chorar pela mais bela de todas,
Aquela que eu amei como se fosse eterna.
E viverei sabendo o amor e a morte.

Mas se a espada infiel me ferir o peito,
Não tenha piedade do meu corpo
Nem tema o orvalho rubro que lhe tinja o gume,
Porque na morte eu talvez não saiba que estou morto.

Lágrima a lágrima verterei o meu sangue por ti, Granada.

Na queda de Granada

Vagueia por Granada um pranto mudo.
Uma adaga de dor fere-me o coração,
E a minha alma é como uma cota de malha
Rota pelo gume da cimitarra.

Há quem procure a piedade da morte.

Muito mais são as dores que as feridas,
Muito mais são as lágrimas que o sangue.

A minha amada

Quando penso na minha amada:

Os seios da minha amada são como duas romãs maduras;
O seu cabelo tem perfume de alfazema;
Os seus lábios são da cor do açafrão
E a sua boca tem o sabor do damasco;
Os seus olhos são como pedras preciosas
E a sua pele como o oiro da mesquita de Abd-Al-Rahman.

Quando surge a minha amada:

A visão da minha amada é a minha alegria;
As formas do seu corpo, a minha delícia;
O seu amor, a minha felicidade.

Quando estou junto da minha amada:

Nada é comparável à minha amada.

Depois da queda de Granada, o sultão Boabdil (Abdu Abdullah) foi obrigado a abandonar a cidade, tendo ido para a região das Alpujarras, no outro lado (sul) da Serra Nevada. Nesse tempo, e bem ao contrário de hoje, as Alpujarras

(ou simplesmente Alpujarra) eram uma região paupérrima. A maior parte da população moura permaneceu em Granada, tendo Boabdil sido acompanhado apenas pelo seu séquito palaciano e pouco mais. Pelo que se percebe, pois, que o meu Ben Kassin era pessoa com alguma importância.

Não há rosas nas Alpujarras

Nas Alpujarras não há rosas como em Granada.
Só os lírios roxos, abandonados no seu perfume,
Sobem a serra até onde podem.

As mulheres acendem o lume na rua,
Enquanto esperam que os homens montem tendas
Ou construam casas.

Os alaúdes soam tristemente,
Felizes porque não podem chorar.

As neves de Yabal Sulayr, a esplêndida,
Cegam-nos com a sua beleza,
Mas Sulayr tem o rosto voltado para Granada.

As costas da minha amada são muito belas,
Mas, quando as vejo, fico triste
Porque ela se afasta de mim.

O poema que se segue é sem dúvida um dos mais pobres de Ahmed Ben Kassin. Mas contém uma ironia dramática que o poeta não previu. Escrito possivelmente em 1491, no início do outono, faz referência ao inverno como um tempo de paz, porque as grandes batalhas aconteciam sempre no verão. A guerra no inverno é uma invenção moderna, que se deve à mecanização dos transportes. Mas foi em 2 de janeiro de 1492 que Boabdil fez o tratado com Isabel e Fernando que lhes entregava a cidade e o Reino de Granada. Só depois disso receberam os monarcas o título de Reis Católicos.

Tempo de paz

O camponês deseja o verão
Para colher em frutos o seu trabalho.
Mas o guerreiro teme-o
Porque é o tempo de matar e de morrer.

Dentro dos teus muros, Granada, esperarei a primavera,
E todos os dias descansarei nos braços da minha amada,
Para dizer sempre as mesmas coisas.

Como somos felizes no inverno!

Em mãos infiéis

A minha amada desnudou-se e cobriu-se de vergonha.
Só a vergonha veste agora a minha amada.
A minha amada dormiu com o infiel,
Entregou-se nos seus braços e deitou-se na sua cama.
Esqueceu as juras de amor que eu lhe fizera
E deixou-se seduzir por falas mansas.

Como eu entendo que ele a tenha amado,
A ela, a mais amável de todas!

Oh, se eu pudesse tê-lo cegado antes que ele a contemplasse!
Mas não tocarei sequer um só dos seus cabelos,
Para não tornar mais infeliz ainda a minha amada.

(Este poema é uma clara alegoria. Aliás, foi com a poesia árabe que os poetas espanhóis aprenderam o uso da metáfora. Ben Kassin já vincou bem o amor pela sua mulher amada em poemas anteriores, de maneira a que neste se perceba que a amada é outra, Granada, entregue sem honra nem glória pelo frouxo Boabdil.)

Hoje envio um novo poema de Ben Kassin com a versão em castelhano e a tradução literal. Pode verificar-se assim como cada tradutor acrescenta ou tira um ponto, pelo que este poema poderia chegar ao Russo quase irreconhecível…
(Relembro que tudo isto é ficção.)

No exílio das Alpujarras

Oh, se eu pudesse ter comigo a minha amada!
Qualquer exílio seria a minha pátria,
Qualquer gente seria o meu povo.

Para quem não vê a sua amada,
Não há diferença entre a vida e a morte.

Que o branco mel de Batza alimente a minha amada,
Que o leite das cabras de Alfaguara a fortaleça.
E que ela nunca se esqueça de mim.
Porque eu sei que a minha amada vive ainda:
É o ar que ela respira que me dá a vida.

* * *

Como todos os outros, traduzi este poema da versão castelhana, que era como se segue:

Si pudiese mi amada estar conmigo,
Un exilio cualquiera sería mi patria,
Y cualquier gente sería mi pueblo.

Para quienes no ven su amada
Lo mismo es vivir que estar muerto.

Que la blanca miel de romero de Batza alimente mi amada,
Que la leche de las cabras de Alfaguara le dé fuerza.
Y que ella no me olvide jamás.
Pues yo sé que mi amada vive todavía,
Porque es el aire que ella respira que me da la vida.

A tradução literal do árabe é no entanto assim:

Estando a minha amada
O exílio seria a minha pátria,

Sobre a Beleza

Nunca ninguém disputou a beleza
Do cume de Mulhacén, coroa de Yabal Sulayr,
Nem sujou de sangue a sua neve,
Que até as aves contemplam de longe.
Mas Granada, a esplêndida,
É a cobiça dos conquistadores.

A beleza é um dom divino
E uma tentação humana.
Muitos deram a vida por Helena,
Mas ninguém teria lutado por ela, se não fosse formosa.
Em Granada ninguém está seguro
Dentro dos seus muros,
Porque os que a desejam jogam por ela a própria vida,
E os que a amam são capazes de morrer em sua defesa.

A beleza é bênção e maldição.

(Mulhacén – o pico mais alto da Serra Nevada, com 3843 m)

Isabel e Fernando

Dois leões lutaram pela mesma corça,
E vieram dois cães sarnentos e roubaram-na.
Por isso já Isabel pode lavar a camisa na água de Albaicín
E o rei pode beber das lágrimas de Aynadamar.

Vede, ó príncipes, com que cuidado foi posta cada pedra,
Em Granada, a esplêndida, e plantada cada rosa.
Uma mãe não veste a filha com mais carinho.
Contemplai os versos dos poetas
Que ornamentam as paredes da Alhambra,
E as palavras do Alcorão que as tornam veneráveis.
Granada curvou a cerviz perante a força das vossas armas.
Mas respeitai os vencidos e a memória dos que pereceram.
Perante as pedras e as rosas de Granada,
Dizei ao menos: “Como eles a amaram!”

Notas:

A luta dos dois leões refere-se à guerra entre El Zagal e Boabdil, seu sobrinho, que roubara o trono ao pai, Muley Assam, que morrera em 1585 e contra o qual também lutara. Os dois cães sarnentos são Isabel de Castela e Fernando de Aragão.

A referência à camisa de Isabel parece confirmar a lenda de que ela fizera o voto de não mudar a camisa enquanto Granada não fosse conquistada, pelo que teve de andar com ela vestida durante sete anos.

Na alusão às lágrimas de Aynadamar há um jogo de palavras, porque Aynadamar é composta por "Ayn" ("olho", com o significado de nascente), e "damar" significa "lágrimas, talvez como referência à maneira como surge a água nessas fontes que abastecem a zona alta de Granada, Albaicín, coração da cidade velha. Em Espanha, tal como no continente português, "olho" é com frequência sinónimo de nascente. Por exemplo no caso do começo do Guadiana (Ojos de Guadiana) ou numa nascente da zona do Cartaxo, chamada Olho do Senhor, ou Olho de Cristo, ou Olho do Senhor Santo Cristo.

O rei Boabdil chorando a morte de Morayma

Morayma, minha amada, minha amada,
Já não sentes as carícias das minhas mãos
Nem o calor dos meus beijos.
Mas se eu pudesse deitar-me a teu lado,
Até no frio do teu corpo me aqueceria ainda.
Disseram os astros (ou foi maldição?)
Que longa me seria a vida
Para que longo fosse o meu sofrer.
Mas a minha dor é muito maior do que mil anos de vida.

Morayma, minha amada, minha amada,
Quem poderei culpar pela nossa morte?
A que Deus, a que demónio, a que força do destino
Atribuirei as culpas de estarmos mortos?
Ferindo uma só vez a morte fez duas mortes.
Morayma, minha amada, minha amada,
Como viverei sem ti?
Morayma, minha amada, minha amada,
Como poderei viver só com metade de mim?
Morayma, minha amada, minha amada,
Como viverei sem mim?

(Segundo um texto publicado pelo jornalista de Almeria Jesus Pozo, numa altura em que Fernando de Castela tinha como prisioneiros os filhos de Boabdil, este lamentou que a morte nunca quisesse nada consigo. Logo depois desse episódio, Moyrama, a mulher que ele amou apaixonadamente, consultou o astrólogo Ben-Maj-Kulmut, que previu para o rei uma vida longa para que pudesse sofrer muito.)

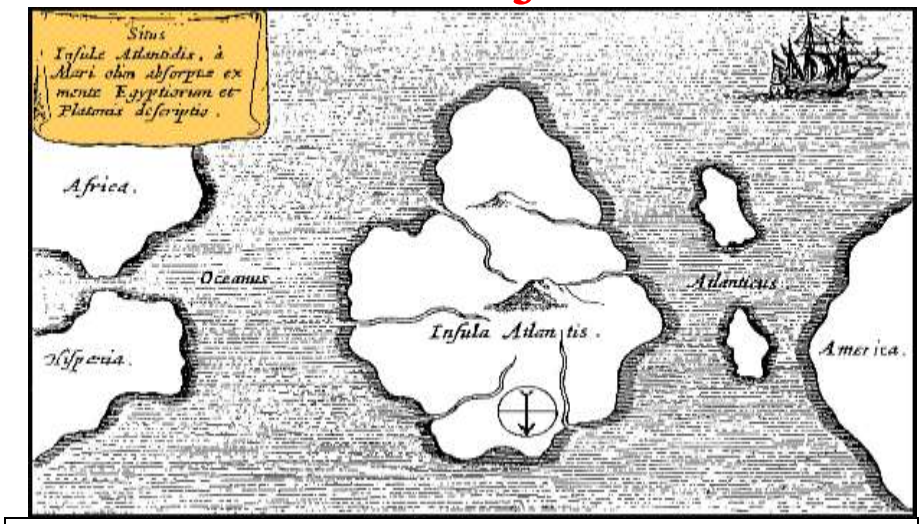
No cármen

A minha amada cantava
Entre as flores do seu cármen.
Vinha no canto o perfume dos goivos e do jasmim,
A sua voz trazia a fragrância das rosas e dos cravos.
Parei a escutá-la,
Sem saber se deveria abreviar-lhe o canto,
Correndo para os seus braços,
Ou se melhor seria continuar ouvindo
A música do Paraíso.
Demorei-me um breve instante apenas,
E, quando entrei no jardim,
Ela, triste, perguntou-me
Por que tardara tanto.

Como é breve a vida!

A minha amada
Faz-me a vida mais curta.
Junto dela,
Todo o tempo é breve.

cadernos açorianos



CADERNO N.º 2 Edição março 2010

DEDICADO A DANIEL DE SÁ

Todas as edições em linha em www.lusofonias.net

Editor Colóquios da Lusofonia (Chrys Chrystello)

Coordenadoras Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia desde FEV.º 2009

Editado por

©™®